

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-DECED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GRAZIELA GOMES CALAIS

**A SEXUALIDADE INFANTIL NO COTIDIANO DA ESCOLA PÚBLICA:
EM UMA ABORDAGEM FOUCAULTIANA**

Ariquemes – RO

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CAMPUS DE ARIQUEMES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO-DECED
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GRAZIELA GOMES CALAIS

**A SEXUALIDADE INFANTIL NO COTIDIANO DA ESCOLA PÚBLICA:
UMA ABORDAGEM FOUCAULTIANA**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão do curso de Pedagogia – Habilitação para séries iniciais do Ensino Fundamental e gestão escolar da Universidade Federal de Rondônia, orientada pela Prof.^a. Maria Auxiliadora Máximo.

Ariquemes – RO

2013

Dados de publicação internacional na publicação (CIP)

Biblioteca setorial 06/UNIR

C 141s

Calais, Graziela Gomes

A sexualidade infantil no cotidiano da Escola Pública: uma abordagem foucaultiana. / Graziela Gomes Calais. Ariquemes-RO, 2013.

62 f. ; + 1 CD-ROM

Monografia (Licenciatura em Pedagogia) Fundação Universidade Federal de Rondônia / UNIR.

Orientador (a): Prof. (a) Ms. Maria Auxiliadora Máximo

1. Sexualidade infantil 2. Arqueogenealogia 3. Controle I. Título.

CDU: 373.2

Bibliotecária Responsável: Fabiany Andrade, CRB11/686



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
CAMPUS DE ARIQUEMES**

Criado pela Resolução 006/CONSUN, de 16 de maio de 2007

Av. Tancredo Neves, 3450 - Centro/ Ariquemes-RO / Cep: 76.872-848
Fone/Fax: (69) 3535-3563/ E-mail: campusariquemes@unir.br

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - DECED

GRAZIELA GOMES CALAIS

**A SEXUALIDADE INFANTIL NO COTIDIANO DA ESCOLA
PÚBLICA: UMA ABORDAGEM FOUCAULTIANA**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Federal de Rondônia, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Banca Examinadora

Maria Auxiliadora Máximo

Orientador(a): Prof^a. Ms. Maria Auxiliadora Máximo – DECED/UNIR

Clarides Henrich de Barba

Membro: Prof^o. Dr. Clarides Henrich de Barba – DEF/UNIR

Hugo A. Athanasios

Membro: Prof^o. Ms. Hugo Athanasios – DECED/UNIR

Ariquemes-RO, 21 de outubro de 2013.

DEDICATÓRIA

Ao meu maravilhoso esposo, Adelson Pereira da Silva, que sempre me incentivou e compreendeu as minhas ausências para a realização deste curso, encorajando-me a enfrentar todos os momentos difíceis da vida.

Com muito amor, dedico ao meu filho Albert Gustavo Calais da Silva, que sempre foi o meu maior motivo de continuar os meus estudos.

E a toda minha família pela compreensão, apoio e contribuição para minha formação Acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela oportunidade de estar realizando este trabalho e tornando-o mais fácil e agradável;

Ao meu marido, pela paciência, carinho e, principalmente pelo seu amor:

A minha família, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos de dificuldades;

E a compreensão do meu filhote querido pelas minhas ausências e distância que houve entre nós;

A minha querida sogra por estar sempre disposta a me ajudar com meu filho;

Agradeço as minhas colegas pelas palavras amigas nas horas difíceis;

A minha orientadora Maria Auxiliadora Máximo, que dedicou seu tempo e compartilhou sua experiência para que minha formação fosse também um aprendizado de vida, meu carinho e meus agradecimentos;

Ao grupo de pesquisa GEPSPOVEMFU- Grupo de Estudos Saber, Poder e Verdade - Discutindo Michel Foucault na UNIR, pelos esclarecimentos e entendimento de como funciona uma sociedade cercada de tabus;

Aos meus mestres, que muito me ensinaram;

A todos que fizeram parte direta ou indiretamente desta conquista, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Durante o tempo do curso de graduação e minhas passagens pelas escolas percebi a dificuldade que os professores enfrentam ao trabalhar a sexualidade das crianças de uma forma contextualizada. Isso começou a despertar-me a curiosidade como pedagoga de que modo poderia ser abordado tal assunto no cotidiano escolar. Para entender este assunto encontrei em Michel Foucault a base da sustentação, nas abordagens dos pressupostos epistemológicos e as diretrizes conceituais do seu pensamento, bem como, suas contribuições teóricas nas reflexões acerca da sexualidade infantil, me coloco na tarefa de entendê-la dentro do âmbito escolar, cujo meu objetivo é conhecer o trabalho de orientação sexual dentro da instituição. Com a orientação metodológica pautada na arqueogenealogia, fomentada pela consulta em arquivos e análise documental, realizada em uma escola pública do município de Ariquemes/RO, das observações feitas em sala de aula durante os estágios supervisionados (genealogia) e, a análise dos acontecimentos acerca das vivências éticas abordadas na pesquisa teórico/empírica (arqueogenealogia). Têm por finalidade apresentar dados significativos para uma reflexão sobre a sexualidade das crianças no cotidiano escolar, visto que a sexualidade é uma construção social do indivíduo, que permanece ainda hoje, sendo uma questão polêmica no âmbito escolar pelas multiplicidades de visões, crenças, tabus, preconceitos, interditos e valores dos que nela estão inseridos. Então penso que cabe à escola abraçar e ampliar os espaços de debates e reflexões a fim de que a educação possa livrar a sexualidade do estigma de “impura e imoral” e passe a ser tratado no ambiente educacional não como problema, mas como algo essencial e inerente ao Ser e a condição humana. Falar desse assunto é algo que ainda permanece mascarado nos dias atuais, visto que sendo uma grande dificuldade que permeia a escola. Nas observações em campo e durante todo o período de atividade na instituição, não presenciei nenhum tipo de abordagem em relação ao assunto que envolvesse a sexualidade das crianças (diga-se, precoce e constante no ambiente escolar), por parte dos professores e nem pela equipe gestora.

Palavras chave: sexualidade infantil, arqueogenealogia, controle.

ABSTRACT

During the time of the undergraduate program and my tickets by schools realized the difficulty teachers face when working on children's sexuality in a contextualized. It began to arouse my curiosity as an educator in what way could be tackled such a subject at school everyday. To understand this subject found in Michel Foucault the support base, in the epistemological assumptions ' approaches and conceptual guidelines of his thinking, as well as his theoretical contributions in the reflections about the infantile sexuality, put myself in the task to understand it within the premises of the school, whose my goal is to meet the work of sexual orientation within the institution. With the methodological guidance based on arqueogenealogia, fomented by the query on files and document analysis, held in a public school of the municipality of Ariquemes/RO, the observations made in the classroom during the supervised internships (genealogy) and the analysis of events about the ethical experiences addressed in theoretical/empirical research (arqueogenealogia). Aim to provide meaningful data for a reflection about the sexuality of children in school everyday, since sexuality is a social construct of the individual, which remains today, being a matter controversy within the school Multiplicities of visions, beliefs, taboos, prejudices, and prohibited values of which are inserted. So I think it is up to the school to embrace and extend the spaces of debates and reflections in order that education can rid the stigma of sexuality "impure and immoral" and will be dealt with in the educational environment not as a problem but as something essential and inherent to being and the human condition. Discussing this subject is something that still remains in the present day, masked as being a great difficulty that permeates the school. The observations in the field and throughout the period of activity at the institution, not witnessed any kind of approach in relation to the matter involving the sexuality of children (say, precocious and constant in the school environment), on the part of teachers and not by the team manager.

Keywords: infantile sexuality, arqueogenealogia, control.

SUMÁRIO

2 A SEXUALIDADE INFANTIL	12
2.1 Caracterizações da Sexualidade.....	12
2.2 Sexualidade na Escola.....	16
2.3 O papel do Educador na Orientação Sexual	18
3 A INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ARQUEOGENEALOGIA FOUCAULTIANA	21
3.1 A Arqueologia e a Genealogia como ferramentas de pesquisa	21
3.2 O espaço pedagógico como objeto de investigação.....	22
4 A SEXUALIDADE INFANTIL: NO COTIDIANO ESCOLAR	25
4.1 A relação da escola com a orientação sexual na realidade	25
4.2 Os atores do processo pedagógico e sua relação com a sexualidade na realidade	26
4.3 A reação mediante aos “Flagras”	28
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	60
REFERÊNCIAS PESQUISADAS	62

1 INTRODUÇÃO: POR QUE FALAR DE SEXUALIDADE?

O meu primeiro contato com a Escola foi aos cinco anos de idade como aluna, da educação infantil, logo após estive no Ensino Fundamental e Médio de uma escola pública, onde bem me lembro durante este período que não foi proporcionado algum tipo de educação sexual durante os meus estudos. Apenas nas aulas de ciências que se falava sobre o corpo humano e suas partes, nas explicações sobre órgãos genitais é que prendia a atenção, porém a professora logo se dirigia para outras partes. Então ficava sempre a curiosidade para saber mais.

Ao terminar o Ensino Médio fiquei afastada dos estudos durante 6 (seis) anos, onde nesse período me casei e tive 1 (um) filho, que hoje tem dez anos. Sempre tive a vontade de cursar o Ensino Superior, mas as condições eram extremamente difíceis, então surgiu a oportunidade de realizar esse sonho.

Agora como acadêmica de uma Universidade Federal e assim sendo uma educadora, sempre enxerguei a escola como oportunidade de estar em contato com as mais diversas experiências, além de ser um lugar em que se elaboram conhecimentos, faz-se amizades, se conhece e testa valores, regras sociais, enfim, recebem-se orientações, vivenciam-se sensações e aprendem-se muitas coisas necessárias à manutenção da vida.

A relação que tive com a escola nem sempre foi muito forte, talvez por isso, depois que comecei a frequentar a Universidade, penso que a escolha pelo curso de Pedagogia foi também uma opção por continuar de alguma forma em contato com a Escola. Como educadora, teria a oportunidade de ensinar e aprender, de acompanhar as novas gerações, as mudanças sociais, as transformações tecnológicas, enfim, tudo o que o ambiente escolar pode oferecer.

Com o passar do tempo dentro da Universidade matriculei-me na disciplina: Estágio Supervisionado I, a qual me encaminhou à experiência em campo para realização do mesmo. Percebi a dificuldade que os professores enfrentam ao trabalhar a sexualidade das crianças de uma forma contextualizada, e recordo-me que desde o tempo em que eu era estudante, ainda criança, essas dificuldades já existiam e ainda estão presente fortemente dentro das nossas escolas.

Isso começou a despertar-me a curiosidade de como pedagoga de que modo poderia ser abordado tal assunto no cotidiano escolar com as crianças, com os professores e com a equipe gestora, visto que, nos estágios não presenciei nenhum tipo de abordagem em relação ao assunto que envolvesse a sexualidade infantil (diga-se, precoce e constante no ambiente escolar), por parte dos professores e nem pela equipe gestora.

Tendo como base as abordagens de Michel Foucault, os pressupostos epistemológicos e as diretrizes conceituais do seu pensamento, bem como, suas contribuições teóricas nas reflexões acerca da sexualidade infantil, me coloco na tarefa de entendê-la dentro do âmbito da escola, mais precisamente com alunos que se encontram neste momento na faixa etária dos 07 (sete) e 08 (oito) anos, não com o intuito de dar respostas e/ou receitas de como lidar com tal acontecimento, mas, como elemento reflexivo das práticas educacionais presentes nesse espaço de socialização.

Teoricamente lida com a orientação metodológica pautada na arqueogenealogia, fomentada pela consulta em arquivos e análise documental, realizada em uma escola pública do município de Ariquemes/RO (arqueologia), das observações feitas em sala de aula durante os estágios supervisionados (genealogia) e, a análise dos acontecimentos acerca das vivências éticas abordadas na pesquisa teórico/empírica (arqueogenealogia).

Quando se fala de sexualidade, não se está falando somente do sexo propriamente dito, mas a partir da concepção do homem na sociedade e no meio cultural em que está inserido. Através dessas concepções é que se aprende alguma atribuição e significado para as vivências, práticas e experiências sexuais. Cada grupo social e cultural constrói e recria elementos imaginários tanto sociais quanto particulares sobre a sexualidade, o seu sentido, seu valor, e o seu papel na existência humana.

Encaminha-se então uma reflexão de maneira a estimular novas ações no processo de educação sexual presente no cotidiano escolar, bem como os paradigmas e suas vertentes pedagógicas, além dos direitos sexuais como direitos humanos universais.

Na primeira sessão deste estudo chamada: Introdução: por que falar de sexualidade? Serão apresentados uma breve contextualização teórica e questionamentos pertinentes ao tema monográfico.

Algumas atitudes não convencionais das crianças têm sua constituição na escola? O que se pode considerar como atitudes não convencionais infantis? Deve-se pensar que a sexualidade infantil ocorra no ambiente escolar e esteja relacionada às resistências ao poder e a repressão exercida dentro da escola? Quais seriam os mecanismos para se trabalhar com a sexualidade infantil no âmbito escolar? A família como deve agir?

A segunda sessão intitulada: A sexualidade infantil: uma abordagem teórica faz uma abordagem teórica sobre a sexualidade infantil, com vários autores, dentre eles, (Cifali; Imbert, 1999), (Jolibert, 2010), (Foucault, 2005), (Foucault, 2006). (Foucault, 2007a), (Foucault, 2007b), (Foucault, 2007c), (Foucault, 2009) e (Reichert, 2008), dentre outros, na busca por esclarecimento acerca desse assunto cada vez mais pertinente dentro das escolas. Visa compreender as manifestações que envolvem a sexualidade infantil das crianças no ambiente escolar e expõe um conjunto de elementos e acontecimentos que estão presentes nas práticas sociais dentro da escola.

A terceira sessão sob o título: A investigação a partir da Arqueogenealogia Foucaultiana fala de alguns questionamentos sobre o sexo e sexualidade infantil que estão sendo relacionados ao comportamento das crianças em relação ao corpo, e também está dentro do eixo intrafamiliar, das desordens presentes nas relações de gênero no espaço escolar e na sexualidade infantil que compõem os elementos abrangentes deste fenômeno, sobre o qual este estudo aborda.

Na quarta sessão com o título: A sexualidade Infantil: No cotidiano escolar abordarei os caminhos e mapeamentos percorridos pela arqueogenealogia, mostrando os resultados encontrados para uma análise e reflexão de como anda a educação sexual das crianças dentro da escola.

Concluindo este estudo, sem querer fechar a discussão acerca do assunto, o intuito do mesmo é contribuir para uma análise sensata acerca das questões que envolvem a orientação sexual que se faz pertinente em toda a sociedade ocidental propondo ao leitor uma reflexão mais aprofundada sobre os valores e tabus que abrangem a sexualidade infantil e a necessidade de abordá-la no contexto escolar a

fim de esclarecer os educandos, superar e lidar com os preconceitos e estereótipos sexuais relacionados à temática.

2 A SEXUALIDADE INFANTIL

A sexualidade infantil está presente desde o nascimento, porém não é tratada como tal pelo meio familiar, por estar misturada às necessidades biológicas.

Evânia Reichert, 2008, p.219

2.1 Caracterizações da Sexualidade

A sexualidade faz parte da vida do ser humano desde o seu nascimento. Entretanto, vê-se que a cultura social dita os padrões “normais” e “corretos” dos comportamentos próprios ao gênero feminino ou masculino. O psiquiatra e neurologista austríaco Sigmund Freud (1856 - 1939) desenvolveu estudos que revolucionaram a maneira como o ocidente passou a compreender a sexualidade.

Segundo Jolibert (2010), referenciado em Freud, estes estudos evidenciaram que os comportamentos e sentimentos eróticos têm início com o nascimento da criança, modificando-se ao longo do seu desenvolvimento. Assim como todas as funções humanas, a sexualidade é parte da vida das pessoas, sendo, por isso, natural e conseqüentemente, deve ser tratada com naturalidade.

De acordo com Jolibert (2010) embasado nos estudos de Freud, o desenvolvimento da sexualidade infantil passa por fases nas quais a fonte de prazer se localiza em partes distintas do corpo. Essas fases são: inicialmente de 0 a 2 anos, mais ou menos, a satisfação é sentida através da boca; em seguida, de 2 a 4 anos, mais ou menos, a satisfação é sentida através do ânus e se relaciona ao esfíncter e à uretra e depois a satisfação é sentida, também, através dos órgãos genitais.

Durante essas fases, a criança tem muitas fantasias e, além de prazer, vive momentos de angústia, sensações de perda, sofrimentos e dor. Todos esses sentimentos vão interferir no modo como a criança vai viver e experimentar sua sexualidade. É importante que a família e os profissionais da educação compreendam como a criança está vivendo esta sexualidade para poder atuar como um mediador seguro desse processo.

Com crianças que levam tudo à boca, é importante ter o cuidado de que os objetos estejam limpos, tenham um tamanho adequado para não serem engolidos e sejam feitos de material atóxico, pois certamente serão levados à boca, considerando que é desta forma que a criança conhece e experimenta o mundo à sua volta. Conforme afirma Jolibert (2010, p.86):

Mais tarde, o prazer está ligado ao controle dos esfíncteres. A retenção e expulsão das fezes e urina é, para a criança, uma fonte de prazer. Sabendo disso, o (a) professor (a) de Educação Infantil pode contribuir para que a fase na qual a criança esteja aprendendo a usar o vaso sanitário, deixando as fraldas, seja vivida com naturalidade e sem pressões excessivas.

Jolibert (2010) entende que é a partir dos cinco anos (podendo variar tanto para mais quanto para menos) que a criança descobre que tocar em partes de seu corpo lhe proporciona uma sensação de prazer. Quando isso acontece à criança descobre seus órgãos genitais como fonte de prazer e elas podem passar a tocá-los com frequência.

Com base nos estudos de Freud, a fase fálica, aproximadamente dos três aos cinco anos de idade, focaliza o interesse erótico na região dos órgãos genitais se associando com a ativação das ansiedades da castração e a inveja, por parte das meninas, do pênis dos meninos. É observado que, nesta fase, a criança muda o foco da sua zona de prazer passando da região anal para a região genital.

Ao começar a descoberta dos seus órgãos genitais ela passa a explorá-los através da manipulação ou de perguntas sobre sexo sendo comum nesta fase serem surpreendidas se masturbando, neste caso os pais devem ter cuidado com a abordagem para não retrair a criança e colaborando indiretamente para o desenvolvimento de conceitos errôneos sobre o sexo.

As conceituações sobre a sexualidade ainda estão em face de quebra de barreiras, mesmo com os grandes avanços das ciências, tecnologias e outros, é possível encontrar profissionais que lidam com crianças e que, apresentam barreiras quando se tratam de sexualidade infantil, renunciando tratar o assunto como um tema a ser discutido em sala de aula.

Segundo Foucault (2006, p. 15):

A sexualidade é um “dispositivo histórico”, visto que, é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre sexo: discursos que regulam, normatizam e que instauram saberes,

que produzem “verdades”. Sua definição de dispositivos sugere a direção e a abrangência do nosso olhar.

A respeito da sexualidade, aponta-se ainda que “[...] foi o marco inicial que tratou a respeito da sexualidade infantil. Todos os impulsos a atividades prazerosas são sexuais” (KUPFER, 1994, p. 47), neste caso é impossível não falar da sexualidade mediante a essa nova geração, pois, tal atitude só contribuiria para acentuação de consequências indesejáveis o que se torna inadmissível em pleno século XXI, onde grande parte da população (ou toda ela) está em busca de alguma forma de satisfação.

Acrescenta-se ainda que “[...] a sexualidade humana não se liga à genialidade e que se organiza a partir de operações psíquicas” (GUIA DE ORIENTAÇÃO, 1994, p. 14) o que contribui para o entendimento que, diferentemente do que a maioria das pessoas pensa a sexualidade não está ligada diretamente ao sexo e sim à sensação de prazer sentida pelo corpo.

Na Idade Média, os cidadãos acreditavam que as crianças eram puras e inocentes, e que, não tinham expressão de sexualidade, e que se ocorresse essa expressão era considerado algo, impuro, sujo, feio, pecaminoso, onde a ocorrência se devia unicamente a influência de adultos. Por meio de um estudo historiográfico, Foucault (2009, p. 30-32) demonstra que a sexualidade das crianças e particularmente dos adolescentes, é preocupação escolar desde o século XVIII, quando esta questão tornou-se um problema público.

Assim, a instituição pedagógica da época não impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes, pelo contrário, concentrou as formas de discurso neste tema, estabeleceu pontos de implantação diferentes, codificou os conteúdos e qualificou os locutores, permitindo vincular a intensificação dos poderes à multiplicação do discurso.

As manifestações que ocorrem na sexualidade infantil geralmente se revelam no toque do próprio corpo, na bisbilhotice e nas brincadeiras sobre o corpo do outro, nas malícias, nas conversas e piadas que falam sobre sexo que chamam o interesse deles e algumas atitudes vistas nos adultos.

São muitas as dúvidas que giram em torno da sexualidade. Vale recordar que durante anos o mito, o tabu¹, e o preconceito, cercava toda uma sociedade com despreparo e os mitos tomavam conta do tema sexualidade, especificamente dentro do ambiente escolar, sendo que os professores ocultavam o assunto com as censuras sublimadas.

A maior parte da sociedade rejeitava qualquer tentativa de discurso no tocante a esse assunto, que deveria ser reprimido para não corromper as futuras gerações crescentes. Etimologicamente o dicionário **Aurélio** (2010) define sexualidade de duas formas: a) Condição de sexualidade; e b) Sensualidade, sexo.

A sexualidade humana esta presente em todos os momentos do ciclo da vida, não se pode pensar que a sexualidade só aparecera na adolescência ou vida adulta, pois, isso contém um peso muito importante na vida sexual e pode causar influência nas condutas e atitudes futuras das crianças.

Abraçando o pensamento de Foucault (2006), pode-se destacar que: “A sexualidade é uma interação social, uma vez que se constitui historicamente a partir de múltiplos discursos sobre sexo; discursos que regulam que normatizam e instauram saberes que produzem verdades” (FOUCAULT, 2006, p.12). Esse assunto que ainda parece ser um tabu na sociedade externa à escola, se reflete de modo crescente entre a comunidade estudantil.

Em se tratando do interior das escolas, pela dificuldade de procedimento a esse respeito com as crianças, não raro, os professores precisam de certo cuidado ao abordá-lo, o que seria interessante buscar apoio em leituras, palestras, conversas com profissionais da área, dentre outros visando melhor preparo para lidar com tais situações quando essas se fizerem necessárias, na expectativa de promover uma aliança entre equipe pedagógica e a família.

Pois existem algumas famílias que se encontram despreparadas para educar sexualmente, por falta de informação, por vergonha adquirida por tabus e preconceitos recebidos na infância e, até pais liberais tentam reprimi-lo quando se trata da sexualidade dos filhos. A família se vê aliviada a respeito do assunto, já que pensam que na escola este vem sendo aos poucos tratado.

¹ Assunto de que não se pode ou não se deve falar (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA ON LINE).

Considerando as condutas particulares relacionadas muitas vezes à religiosidade da família e, por outro lado, não deixando o direito da criança de se autoconhecer, quando se fala de sexualidade na infância há que ter cuidados, pois são importantes que todas as crianças tenham o conhecimento das partes de seu corpo, inclusive os órgãos genitais (órgãos sexuais) que fazem parte da anatomia humana.

Para Jolibert (2010, p. 86):

Entre as zonas erógenas² do corpo infantil encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Nas crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glândula, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, é sem dúvida o começo da futura vida sexual “normal”. Grifo do autor.

É naturalmente esperado que, qualquer ser humano saudável, desenvolva sua sexualidade plena ao atingir a vida adulta. Infelizmente existe uma parcela que não consegue desenvolver saudavelmente sua sexualidade e, é perceptível que, grande parte da população brasileira, passa pela escola em algum momento de suas vidas e esta desempenha um papel importantíssimo na formação desses indivíduos.

2.2 Sexualidade na Escola

Nos estudos feitos sobre a prática escolar praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) – Ciências (1997, p. 292) “Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano”. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade.

De acordo com os PCN's (1997, p. 332):

2 Segundo o autor são partes de corpo escolhidas aleatoriamente pelas crianças que causam sensações de prazer.

Não constitui pré-requisito que o professor seja da área de Ciências (comumente associada à sexualidade), já que não se trata de abordagem predominantemente biológica da sexualidade. Importa é que tenha interesse e disponibilidade para esse trabalho, assim como flexibilidade e disposição pessoal para conhecer e questionar seus próprios valores, respeitando a diversidade dos valores atribuídos à sexualidade na sociedade atual.

Pois é no espaço escolar que se expressa o sujeito que se é, e neste espaço deveriam ocorrer empenhos a fim de formar cidadãos livres e responsáveis, onde o Projeto Político Pedagógico deve ser instrumento da emancipação que se pretende alcançar na temática educação e sexualidade.

Neste espaço que se atende crianças e adolescentes, e estes devem ser beneficiados no que se refere aos direitos a uma educação integral, inclusive a educação sexual. Pois essas orientações sexuais servirão de base para que as crianças cresçam sabendo cuidar de seu corpo, com responsabilidades, saúde, e prazeres que virão ao ficarem adultas. Onde terão controle de liberdade e limites do próprio corpo.

Os PCN's estabelecem diretrizes para a Orientação Sexual na escola e diz que essas práticas "devem ser trabalhadas dentro do limite da ação pedagógica, sem invadir a intimidade e o comportamento de cada aluno ou professor." (BRASIL 1997, p. 299). Isso poderá facilitar para a criança um entendimento parcial sobre a sua sexualidade dentro de um convívio social. Que o sexo não seja uma mordalha para um indivíduo em plena mutação humana.

Neste sentido é que a escola busca os elementos extraescolares, para seu funcionamento, num contexto que abrange toda uma sociedade, para entender esses mecanismos de sustentação e sobrevivência. Os mecanismos disciplinares constituem um dos parceiros nesta microsociologia que garante a reprodução, entre outras, do próprio poder disciplinar.

De acordo com Foucault (2009, p. 164) "O poder disciplinar é, com efeito, um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor". Fazer com que o sujeito se torne cada vez mais dócil e o poder de controlar suas atitudes ao menos que percebam como esse tipo de método aconteça dentro da sociedade controladora.

Fazendo com que os pais creiam que a escola é necessária para subordinar e adestrar a criança e o jovem a um sistema de submissão que controla e garante

esta reprodução contínua do poder nas sociedades. As disciplinas, no âmbito da escola, são os mecanismos mais concretos da reprodução social.

Michel Foucault, em **Vigiar e Punir** publicado em (1975) estuda os mecanismos da Disciplina em sua capilaridade, ou seja, o poder exercido sobre os corpos. Neste sentido, pode ser esclarecedor para a escola compreender as técnicas e mecanismos disciplinares que organizam o sistema poder-submissão em sua versão micro, do dia a dia, do corpo a corpo.

2.3 O papel do Educador na Orientação Sexual

Os PCN's (1997) que a escola tem a função de delegar aos seus componentes meios para o desenvolvimento pleno dos mesmos. Entendendo que não existe um desenvolvimento pleno sem que a sexualidade seja trabalhada o profissional da educação deve se responsabilizar pelo trabalho de orientação sexual.

Ainda de acordo com os PCN's (1997, p. 331):

Pode ser um professor de qualquer matéria ou educador com outra função na escola (orientador educacional, coordenador pedagógico ou psicólogo, por exemplo). O importante é que seja alguém que tenha bom contato com os alunos e, portanto, um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões.

Sendo de fundamental importância que o educador busque aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a sexualidade a fim de proporcionar à criança informações precisa. As manifestações da sexualidade infantil devem ser trabalhadas pedagogicamente de forma construtiva para uma educação emancipatória. Quanto a isso, Foucault abre espaço pra falar que o poder esta relacionado a todas as coisas e ações humanas onde uns sobressaem sobre os outros nas relações determinadas pelas ações.

O professor detém o poder da sabedoria, poder sobre o corpo das crianças no tocante a ordenar comportamentos e impor disciplinas, poder esse móvel, flexível e volátil sobre as diversas e minuciosas relações de poder inseridas no cotidiano escolar, sendo positivo quando é necessário e contendo uma função social imprescindível.

Para Foucault (2009, p. 20):

O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou de direito.

Nos estudos foucaultianos, o poder não está localizado na governabilidade, e no poder de estado, mas presente em todos os lugares, em todas as classes sociais e atinge todas as pessoas. Sendo que o professor não deve exercer um papel puramente repressivo, mas também produtivo. Não existe poder único, mas práticas de poder no cotidiano, espalhadas por todas as estruturas sociais por meio de um conjunto de mecanismos, a disciplina.

Quando o (a) professor (a) percebe que alguma criança, em especial, passa muito tempo tocando o próprio corpo, alheia àquilo que está se passando à sua volta, sua atitude deve ser natural, chamando a criança a participar das atividades que estão sendo desenvolvidas, brincando com ela e procurando despertar seu interesse para outras situações que estejam acontecendo.

Proibições e castigos não surtem qualquer efeito positivo, pelo contrário, aumentam a ansiedade, fazendo com que a criança sinta uma necessidade ainda maior de se masturbar. É importante, também, conversar com a família da criança para entender o que está se passando com ela fora do ambiente da instituição.

Outra situação bastante comum é aquela em que as crianças se envolvem em brincadeiras amorosas, nas quais reproduzem atitudes, diálogos, situações que observam entre os adultos. O sexo está sendo exposto às crianças de uma forma banal (mídias imagéticas e impressas), em que elas têm contato ou presenciam em todos os lugares e/ou momentos de suas vidas.

Brincadeiras de médico e de papai e mamãe também são jogos amorosos infantis que acontecem com frequência. O que motiva essas brincadeiras é a curiosidade natural que impulsiona muitas outras ações da criança. Curiosidade com relação a seu próprio corpo e com relação ao corpo do outro também. Foucault (2009) entende que o indivíduo se torna uma representação “ideológica” da sociedade, e produto real fabricado pela tecnologia de poder chamada por “disciplina”. Neste caso, percebe-se que as brincadeiras geralmente acontecem de uma forma privilegiada que a criança encontra para lidar com o mundo real.

Com relação à sexualidade não é diferente: é brincando que a criança vai aprendendo a lidar com tudo que é novo, e despertando o seu interesse. É

importante que tanto pais quanto educadores percebam que tais brincadeiras não têm um caráter erótico ou sexual, não as interpretando com a cabeça do adulto.

É de grande valia que o educador busque aperfeiçoar seus conhecimentos sobre a sexualidade a fim de proporcionar a criança informações precisas. As manifestações da sexualidade infantil devem ser trabalhadas pedagogicamente de forma construtiva para uma educação emancipatória.

Não deixando esquecer que a escola é um espaço físico e que muitas vezes é usada como mural de recados podendo observar as mensagens deixadas pelas crianças nas paredes, portas, carteiras e principalmente nos banheiros que sem sombra de dúvidas expressam-se a existência de uma sexualidade emergente e das curiosidades ligadas ao sexo.

Coloco-me na tentativa de usar os pensamentos de Foucault para o problema de investigação do tema, antes mesmo de assumir de conhecer a abordagem foucaultiana para aquilo que pensei em ser um suposto problema de investigação.

Na sessão que segue exponho como foi à coleta de dados, a observação e a conversa informal com os profissionais da educação e as passagens vivenciadas para isto.

3 A INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ARQUEOGENEALOGIA FOUCAULTIANA

É importante que as crianças possam processar seus desejos de amor apenas no espaço da fantasia, em sua privacidade, sem a interferência repressiva, humilhante ou estimulante dos adultos.

Evânia Reichert, 2008, p.108

3.1 A Arqueologia e a Genealogia como ferramentas de pesquisa

A metodologia utilizada nesse trabalho é resultante da junção da Arqueologia com a Genealogia Foucaultiana. Essa escolha refere-se principalmente pelo caráter reflexivo desta abordagem, pois em hipótese nenhuma se espera trazer soluções imediatas para um assunto tão delicado.

A Arqueologia do conhecimento é marcada pela análise dos discursos ao longo do tempo, de acordo com as circunstâncias históricas, em busca de um saber que não foi sistematizado. Segundo Veiga Neto (2011, p. 45):

O uso da palavra *arqueologia* indica que se trata de um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos.

A genealogia corresponde a um conjunto de investigações das correlações de forças que permitem a emergência de um discurso, com ênfase na passagem do que é interdito para o que se torna legítimo ou tolerado. E assim se expressa Foucault: “A arqueologia define e caracteriza um nível de análise no domínio dos fatos; a genealogia explica ou analisa no nível da arqueologia” (VEIGA NETO 2011, p.38). Finalmente, a fase ética centra o foco nas práticas por meio das quais os seres humanos exercem a dominação e a subjetivação, conceito que corresponde, aproximadamente, a assumir um papel histórico.

Ainda no pensamento de Veiga-Neto (2011, p. 22):

Ao dar as costas ao pensamento moderno, Foucault não assume as metanarrativas que marcam profundamente a nossa tradição ocidental, principalmente ao longo dos últimos três ou quatro séculos. Na contramão da corrente, ele não quer criar um sistema, nem mesmo alguma teoria filosófica, mas quer dar liberdade à sua filosofia.

O sujeito não é mais uma entidade substancial, um suporte ou substrato do discurso; mas aquilo que se produz em um determinado momento do tempo sob certa forma, em dada conjuntura histórica, e que pode tão bem cessar de se produzir dessa maneira tão logo mudem as condições de possibilidade de sua produção.

Do mesmo modo, a antiga convivência estabelecida entre a filosofia e a história, a relação necessária estabelecida por ambas, que para Veiga-Neto (2011, p. 43) “[...] o primeiro domínio da antologia foucaultiana, isso é, se são essas duas as obras básicas que estabelecem o domínio do “ser-saber” [...]” (grifo do autor). Transforma-se arqueologicamente na contingência de um acontecimento que tornou possível um discurso se constituir historicamente em saber do homem.

Deste modo, a empiria do estudo realizado em uma instituição pública de Ensino Fundamental na cidade de Ariquemes-RO, pontuando as observações e chamando a atenção para a reação mediante os casos de sexualidade no ambiente escolar.

3.2 O espaço pedagógico como objeto de investigação

Esta pesquisa deu-se numa escola pública do município de Ariquemes/RO, onde fui bem recepcionada pela diretora, em uma conversa formal expliquei o motivo da minha vinda à escola, para a realização da coleta de dados.

Que desde então lhe entreguei um documento oficial fornecido pela Universidade para a comprovação e autorização para devido estudo. Sendo assim esta escola atende a uma clientela periférica e precária de todas as formas que se possa imaginar.

O recorte temporal que embasaram essa pesquisa se deu em um mapeamento dos arquivos referentes aos anos de 2010 a 2012. Durante esse período, pude observar como é tratado o assunto da sexualidade infantil dentro da escola pública. Tal temática se apresenta como uma disciplina que está dentro dos conteúdos transversais, disponibilizado pelo Ministério da Educação para que seja trabalhado com as crianças de todas as faixas etárias.

Tendo a sexualidade infantil como foco do TCC, passei a observar como as instituições de ensino lidam com esse acontecimento que se apresenta como inerente às escolas. Ao realizar as disciplinas de estágio supervisionado exigida pela

universidade para conclusão do curso, não presenciei nenhum tipo de atividade realizada pelas professoras dentro das salas de aula, e nem pela equipe gestora para orientar as crianças das mudanças que aparecem em seus corpos e junto a isso a sua sexualidade que aflora cada vez mais.

Durante o tempo de observação para a pesquisa, verifiquei como as crianças anseiam pelo o aprendizado e curiosidade sobre o sexo, onde qualquer palavra e ato que demonstre sexualidade chamam a atenção de todos. No campo empírico busquei os conceitos que Foucault utiliza para que servissem de ferramentas para a compreensão e análise desse estudo.

Nesta abordagem, a análise arqueológica do discurso é entendida como a base que dá suporte à genealogia, ao propor a descrição do campo como uma rede formada na inter-relação dos diversos saberes aqui presentes. Já a abordagem genealógica busca a origem dos saberes através dos fatores que interferem na sua manifestação, permanência e adequação ao campo discursivo como elementos incluídos em um dispositivo político que abre as condições para que os indivíduos possam se constituir determinadas práticas discursivas.

Para essa pesquisa arqueológica ter valor significativo, busquei informações nos arquivos escolares para confrontar com as minhas hipóteses de que: a) as crianças carregam consigo a sexualidade desde seu nascimento ou até mesmo dentro do ventre; b) se há intervenção pedagógica para explicar o assunto; c) a equipe escolar estaria preparada, esclarecida para as crianças sanarem, suas curiosidades.

Como pesquisadora, estou participando do programa mais educação, como professora nas disciplinas de português e matemática, que fez fomentar ainda mais a pesquisa em campo e as observações no comportamento e atitudes das crianças relacionadas ao sexo propriamente dito na faixa etária de 07(sete) e 08 (oito) anos de idade.

Pude perceber como a equipe pedagógica do (sócio-cultural)³, na qual faço parte, encontra-se muitas vezes despreparada para lidar com a sexualidade infantil. Diz Foucault (2009) “o deslocamento das práticas legais é correlato de uma

³ Socio. Cultural, segundo a equipe escolar é um espaço externo a escola, para a realização das atividades do projeto burareiro.

extensão e de um afinamento das práticas punitivas”. (FOUCAULT 2006, p. 74). Pois quando algum professor leva seu aluno até o SOE (Serviço de Orientação Escolar), a primeira atitude a tomar com a criança é o poder-repressão, onde só lhe resta a obediência.

A escola trabalha com a proposta de ensino-aprendizagem tem seu fundamento teórico na concepção sócio interacionista. Que por sua vez é a teoria que concebe o conhecimento como um processo construído pelo indivíduo, em interação com o meio, ao longo de toda a sua vida. Não adotando um método único, o que significa o domínio não só de conhecimentos, mas também compreensão dos mecanismos da construção desses conhecimentos vivenciando formas de participação numa sociedade democrática e a construção de valores para o convívio numa sociedade solidária.

4 A SEXUALIDADE INFANTIL: NO COTIDIANO ESCOLAR

É importante frisar que a criança não poderá experimentar o senso de autonomia sem ter liberdade para seus impulsos expansivos. É também difícil que ela venha a desenvolver um vínculo afetivo seguro em um ambiente de excessivo cerceamento e punição.

Evânia Reichert (2008, p. 198).

4.1 A relação da escola com a orientação sexual na realidade

Esta sessão fala sobre a importância da orientação sexual no contexto escolar, sendo uma pesquisa que explora o ambiente escolar para verificar o trabalho de como acontecem às orientações sexuais para com as crianças com enfoque qualitativo e relevante para educação sexual, cujo meu objetivo é conhecer o trabalho de orientação sexual dentro da escola. Podendo assim fazer uma análise dos documentos e observações aqui colhidas no desenvolvimento e a abordagem desse tema no espaço escolar.

Veiga-Neto (2011, p. 25) diz que:

E, dado que não há um fundo estável, único, no qual firma uma âncora, talvez a metáfora mais apropriada, nesse caso, seria dizer que a crítica foucaultiana não se amarra em suportes, sempre na superfície da história; são suportes provisórios, contingentes, mutáveis como assim é a própria história.

Esse processo de leitura documental deu a oportunidade de clareza e análise da realidade escolar deixando em evidência as necessidades que a escola tem de fazer um projeto pedagógico contemplador, ordenado e contínuo que considere as diversas realidades possíveis para que através dessas explicações as crianças encontrem um ponto de equilíbrio em sua sexualidade.

Segundo os PCN's (1997), "os conteúdos de orientação sexual podem e devem ser flexíveis de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento" (BRASIL, 1997, p. 138). Sabendo que os PCN's sugerem a inclusão do conteúdo sobre sexualidade nos currículos, mesmo assim, este assunto ainda é tão pouco trabalhado nas salas de aulas e pela equipe escolar, e quando se trabalha o tema não satisfaz o saber das crianças e suas curiosidades.

De acordo com os PCNs (1997):

O trabalho de orientação sexual também contribui para a prevenção de problemas graves como o abuso sexual e a gravidez indesejada. As informações corretas aliadas ao trabalho de autoconhecimento e de reflexão sobre a própria sexualidade ampliam a consciência sobre os cuidados necessários para a prevenção destes problemas (BRASIL, 1997, p. 114).

Fazendo com que as crianças busquem por outras informações, através de pessoas que não detém o conhecimento do assunto, e podendo assim obter conclusões distorcidas e equivocadas, fomentando o que diz Foucault (2009, p. 143) “O corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferecendo-se as novas formas de saber”. E assim vindo a fazer, em muitos casos, a antecipação de sua vida sexual sem algum tipo de proteção, expondo-se a riscos.

O diálogo entre professor e aluno auxilia na obtenção do esclarecimento de dúvidas referente à sexualidade. Durante as aulas o aluno pode não se sentir a vontade para fazer questionamentos pessoais diante de toda a turma, mas, tal abertura de assunto possibilita-o a posteriormente requisitar o professor para o esclarecimento de algumas questões.

É neste momento que o docente tem a oportunidade de se mostrar receptivo explicando e tirando dúvidas de forma clara e objetiva, pois o trabalho pedagógico e as curiosidades sobre sexualidade não se encerram na sala de aula.

4.2 Os atores do processo pedagógico e sua relação com a sexualidade na realidade

Destaca-se o papel da gestão escolar na implantação de alternativas para ampliação da orientação sexual na escola e as ações voltadas para o trabalho pedagógico na orientação sexual das crianças. Para Jolibert (2010), que anos atrás a sexualidade era ignorada pela família, pela escola e os mesmos agiam como se as crianças fossem pessoas assexuadas, mesmo ao chegarem à puberdade, e acerca disto os educadores transmitiam os tabus e as regras normalizadoras impostas com rigor pela sociedade.

Diz Foucault (2006, p.34):

Consideramos os colégios do século XVIII. Visto globalmente, pode-se ter a impressão de que aí, praticamente não se fala em sexo. Entretanto, basta atentar para os dispositivos arquitetônicos, para os regulamentos de disciplina e para toda a organização interior.

Os autores a seguir defendem este tipo de educação sexual dentro do âmbito escolar, reconhecendo que esse processo seja demorado, visto que, faz-se necessário desconstruir e superar concepções tradicionalistas fruto de determinações históricas.

De acordo com Tiba (1994, p.108):

Nos anos 50 e 60 com a eclosão de movimentos jovens, já não era possível conter a sexualidade. Surgiu então, o que hoje se chama de educação sexual. As primeiras tentativas foram tímidas: o assunto era tratado pelo professor de biologia, que não explicava coisa nenhuma.

Reichert (2008) entende que dos 03 (três) aos 06 (seis) anos de idade o contato com o mundo faz com que surjam experiências e fantasias amorosas para com sua sexualidade. Onde durante esse período as crianças passam pela fase ocular, fase oral e estágio anal. Que vão se afluando com o passar do seu desenvolvimento cognitivo.

Tal curiosidade com o corpo e a descoberta dos genitais faz com que apareçam perguntas aos adultos referentes à sua sexualidade. Que desta forma seu corpo está sofrendo mutações e amadurecimento de uma forma de se autoconhecer. Visto que a escola ainda hoje não está preparada para lidar com tais assuntos que envolvem a sexualidade dos indivíduos, o que faz pensar em Foucault e a sua obra **História da sexualidade I: a vontade de saber** lançado em (1976) e a hipótese repressiva uma das suas abordagens.

De acordo com o guia de orientação sexual do Ministério da Educação (1994) “[...] quando utilizada na área de educação, deriva do conceito pedagógico de Orientação Educacional, definindo-se como o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, realizado principalmente em escolas” (BRASIL, 1994, p. 113). Sendo que a escola deveria estar preparada sistematicamente para as orientações sexuais sempre que necessária.

Já a educação sexual segundo os PCN's de Orientação Sexual (1997) diz que: “A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm feito uso abusivo da sexualidade, impondo valores discutíveis e transformando-a em objeto de consumo”. Ou seja, seriam conhecimentos informais passados ao indivíduo por meio dos pais ou por outras fontes através de atitudes e ideias, influenciando o sujeito na construção de conceitos e comportamentos referentes às questões sexuais.

4.3 A reação mediante aos “Flagras”

Os pressupostos arqueogenealógicos conduziram-me a esse estudo com intenção de verificar a sexualidade das crianças de 07 (sete) e 08 (oito) anos, no cotidiano escolar. Preocupou-me a tentar mostrar como ocorrem as práticas educacionais dentro do âmbito escolar e juntamente com a equipe pedagógica, onde observei que ainda se faz de conta que a sexualidade das crianças não existe.

Ocultando de uma forma brutal e desinformada sobre tal assunto que permeiam as crianças em torno de uma sociedade ainda moralista em pleno século XXI. De acordo com Foucault (2006) “[...] já há três séculos, tem-se multiplicado em vez de rarefeito; e que, se trouxe consigo interditos e proibições, ele garantiu mais fundamentalmente a solidificação e a implantação de todo um despropósito sexual” (FOUCAULT 2006, p. 61).

Para esse estudo busquei teoricamente autores que falam sobre o assunto da sexualidade humana, cada um deles em suas especificidades, conforme os apresento no decorrer do texto. Empiricamente lancei-me na pesquisa na busca por compreender a amarração entre a sexualidade e a escola, onde envolve a disciplina a punição e os discursos de verdade dentro do cotidiano escolar.

No processo arqueológico da pesquisa, manuseei e averigui documentos institucionais em que foi registrado os acontecimentos que me faziam jus mapear. Nesses documentos haviam ocorrências feitas pelas professoras e anotadas pelas orientadoras da escola, sendo essas ocorrências onde se flagravam algumas crianças fazendo algum tipo de coisa “indecente”, indecente pelo olhar comum da escola, sendo que alguns casos eram naturais da idade e sendo tratados com punições, e o poder da repressão.

A escola de modo geral entende que seja da sua competência corrigir as crianças, para isso faz uso da disciplina, e pune verbal e/ou psicologicamente. E assim trata-os com certa ignorância preceitos e regras estabelecidas pelo regime escolar.

Para Foucault (2006) a sexualidade esta controlada por dispositivos saber-poder, que não esta exercida de forma única, mas de uma maneira geral. O poder está presente em tudo e em todas as pessoas, então se faz necessário este controle de poder para domar a sexualidade do outro.

Diante desses acontecimentos observa-se que a escola ainda esta despreparada para lidar com assuntos relacionados à sexualidade infantil. Pois observei tal comportamento dos alunos sobre sua sexualidade, e notei que se encontra cada vez mais aflorada.

A ação das orientadoras parece ser de tal modo sem conhecimento do assunto, que permeiam um grande tabu e preconceitos ainda existentes, ou, se fazem “cegas” por conveniência. Os relatos que aqui exponho registram acontecimentos ocorridos dentro do âmbito escolar, coletados por meio da consulta em arquivos elemento primordial da pesquisa feita nos moldes da arqueologia documental.

Esses relatos ocorridos e anotados pela orientação escolar contém erros ortográficos, o que denota a originalidade da fonte e a reprodução dos escritos conforme se apresentam. A descrição dos casos que envolvem a sexualidade das crianças no âmbito escolar, e alguns externos a escola pertence ao setor de orientação. A percepção de tal acontecimento me fez refletir sobre a importância da qualificação e estudo constante da língua materna para os profissionais da educação.

Nos relatos que aqui apresento nomeei os alunos com as letras do alfabeto visando a não exposição da imagem das crianças envolvidas nas ocorrências registradas pela escola. Obedecendo ao artigo 4º do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA 2001), apenas transcrevi tal e qual estava nos documentos.

Registro que as referências acerca dos mesmos não serão mencionadas em outro momento aqui no texto. O motivo se justifica pelo artigo do ECA citado acima que trata das recomendações acerca da obrigatoriedade de proteção para com as crianças. Essa atitude visa não denegrir as crianças diretamente envolvidas.

Como parte da pesquisa em campo apresentarei as ocorrências registradas em documento na orientação escolar, mostro neste momento uma fala notável dos alunos, assim anotado pela orientadora da escola. Nota: a exposição dos relatos traz a veracidade dos acontecimentos conforme discurso escrito captado com a arqueologia realizada *in loco*, e, portanto alguns equívocos ortográficos serão percebidos. Segue um dos relatos:

Os alunos “B”, “C”, “D”, “F” e “G” do 4º ano, estavam no horário do reforço escrevendo coisas indecentes sobre pornografia segundo o relato dos alunos que começou foi à aluna “G” e os outros foram na onda da mesma. Perguntamos a ela onde havia aprendido essas indeiscências e ela disse que foi em um filme de comédia vamos mandar um bilhete para os pais vir até o projeto para conversarmos.

Com a principal influência da mídia, o que de certa forma não deixa de impactar a sexualidade infantil, visto em: televisão, propaganda, filmes, dentre outros, possibilitando muitas vezes a precocidade sexual e uma fantasia “maravilhosa” sobre sexo. O registro abaixo feito pelas orientadoras relata que:

Os alunos do 6º ano e algumas meninas do 7º ano. Foram pegos brincando com dados indecentes feitos por um dos alunos, o aluno “W” diz que não tem nada a ver que era só brincadeira.

Este registro deixa claras as más interpretações que os adultos com pouco conhecimento acerca do assunto ou a recusa em trabalhar com tais questões fazem a respeito da sexualidade humana. Também é importante nessas situações, como em todas as outras que acontecem no cotidiano das instituições escolares, que os profissionais estejam atentos, observando o que acontece para intervir com naturalidade, não impondo obediência ao indivíduo e sugerindo a substituição da brincadeira quando esta extrapolar, conforme está dito nos PCN's (BRASIL, 1997, p. 300):

Experiências bem-sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento escolar (devido ao alívio de tensão e preocupação com questões da sexualidade) e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. Grifo na fonte.

Apresento abaixo mais uma ocorrência registrada nos autos da orientação escolar:

A mãe do aluno “B” veio reclamar do aluno “C”, que também estuda na mesma sala que está mostrando suas partes íntimas para seu filho e querendo a força-lo a chupa-lo e vive correndo atrás do menino que já está ficando com medo de ir para o projeto. O referido aluno citado acima ainda não havia falado para nenhum funcionário não chegou ao meu conhecimento sobre esse assunto, hoje que junto com a diretora tomarei as devidas providencias chamando o pai para conversar.

Observa-se neste relato a escola informa/ou faz de conta não ter conhecimento dos fatos ocorridos, assim que eles são postos aos olhos da equipe escolar o primeiro passo a tomar é chamar os pais para conversar. Entende-se Foucault (2006), que o dispositivo de “sexualidade”, elaborada de acordo com suas formas mais complexas deixando as classes privilegiadas, difundiu-se no corpo social como um todo, sendo que a disciplina aumenta a força do corpo. Os professores preferem não interferir, e deixar que os responsáveis pelos “condenados” tomem as atitudes cabíveis. Exponho a abaixo uma ocorrência registrada em documento:

Os alunos “A” e “B” causaram constrangimento a uma criança, tentaram tirar o short dele e disseram que iam mostrar as partes íntimas do menor. Mandamos bilhete para informar aos responsáveis sobre o ocorrido e assim chegamos a uma solução.

Aqui se vê mais uma vez a falta de preparo dos profissionais da educação em relação às orientações adequadas para acalmar a curiosidade das crianças. Assegura Foucault (2006), que no início do século XVIII, o sexo das crianças e dos adolescentes passou a ser importante centro das atenções na qual nasce uma arte do corpo humano e motivou inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas.

Na sua grande maioria esses discursos estão sendo explorado em forma de repressão em cima das crianças que não podem se defender diante dos educadores. No próximo relato descreve um grave caso de estupro externo a escola:

A mãe do aluno “E” esteve na escola conversando com a orientadora a respeito de seu filho, segundo relato da mãe ele conta que seu filho quando estava em companhia do seu pai foi abusado sexualmente por outras crianças. O pai havia levado neste dia ao campo de futebol, o aluno referido acima não contou nada a ninguém, somente depois de alguns dias passado, mais o pai não tomou nenhuma providência, a mãe veio pedir a solicitação para encaminhar o filho para psicóloga. A mãe não quer que participe do sócio.

Este é um caso preocupante que ocorreu fora da escola, aonde a mãe vem pedir ajuda a escola, surgiu então um espaço útil do ponto de vista médico por parte da família. Sendo o foco principal desse desabafo familiar e a orientação escolar, em particular com as orientadoras, onde ficaram espantadas com o ocorrido, e sem

argumentação para com a responsável, encaminhou-se a criança diretamente para um psicólogo e passando o problema à frente.

Segundo Sigmund Freud (1926 apud CIFALI; IMBERT, 1999, p. 54):

Se o educador aprendeu a análise mediante a experiência feita com sua própria pessoa e poder ser levado a utilizá-la em casos-limites ou mistos para alicerçar seu trabalho, é preciso manifestamente que lhe seja concedida a liberdade de exercer a análise, não se tendo o direito de pretender impedi-lo de exercê-la por motivos mesquinhos.

Esta realidade evidencia a necessidade de um estudo científico da equipe escolar aqui pesquisada, faz-se necessário um trabalho sistematizado de orientação sexual para dar conta desta demanda. Sendo que não ocorra de uma maneira a funcionar como um mecanismo penal. Tendo em vista que embora este assunto seja discutido na atualidade, ainda existe grande dificuldade em torná-lo presente nas práticas pedagógicas no cotidiano escolar. O relato a seguir faz refletir se a conduta da escola foi pertinente levando em consideração o acontecimento em destaque:

O aluno “C” do 6º ano entregou um papel à aluna “D” do 3º ano com desenho obsceno. Advertimos o menino e mandamos chamar o responsável.

Percebe-se que a escola não está encontrando outras maneiras de compreender o assunto sobre a sexualidade infantil e transmitir às crianças de uma maneira sistematizada, para tentar acalmar os hormônios. Compreende Foucault (2009) que a humanidade das penas leva-se ao palco de um suplício onde as regra impostas não obedecidas levará o individuo aos atos de punições que deve prender limites ligando um a um. Deixando muitas vezes as crianças a mercê de uma sociedade punitiva.

A seguir a escola faz valer o poder de confissão sobre as crianças interrogadas:

A professora da recreação veio ao SOE, comunicar que os alunos “E”, e “F”, estavam próximos uns dos outros, onde crianças disseram que os mesmos estavam se beijando, chamei os dois para conversar e pedi a ambos para dizerem a verdade o que negaram, então disse aos mesmos que irei apurar e se descobrir que mentiram ou se algum assim se repetir convidarei os pais dos mesmos para que contem na presença dos mesmos. Logo após a conversa liberei os mesmos para a recreação novamente.

O ocorrido acima se depara com que Foucault (2006), diz sobre a confissão, confessa-se – ou se é forçado a confessar em publico na frente dos pais, educadores, seja uma confissão posta por “verdades” aos julgadores. Quando a confissão não é automática querem tira-las a força imposta por algum imperioso interior, é desapossada, arranca-a da alma ao corpo do individuo julgado. Percebe-se que a escola não esta ali somente para ensinar e tornar uma criança sociável a sociedade externa a escola, por sua vez opera um papel de autoridade ao poder sobre o sexo.

Neste relato aparecerá o comportamento dito pelos profissionais da educação:

O aluno “F” usou de palavras indecentes com a colega, pedimos a presença do responsável para que fiquem cientes do comportamento do mesmo.

Aqui mostra a autoridade que a escola demonstra sobre os alunos, pois quando faltam com o “respeito” dito pela diretora. Logo faz ameaças verbais e em seguida aplica determinadas punições. Essas manifestações expressam as dificuldades que os educandos possuem em diversos questionamentos e dúvidas referentes à sexualidade infantil, dúvidas postas, vindas da ausência de diálogo na família e que são levadas para a escola na intenção de serem sanadas.

Para Foucault (2009, p.173):

O castigo disciplinar tem a função de reduzir os desvios. Deve, portanto ser essencialmente corretivo. Ao lado das punições copiadas ao modelo judiciário (multas, açoite, masmorra), os sistemas disciplinares privilegiam as punições que são de ordem do exercício [...].

Educar sexualmente não é uma tarefa fácil, tem que haver conhecimento de causa. Diante disto, foi confiada a escola tal responsabilidade sem que a mesma estivesse preparada para dar conta desse papel.

O relato a seguir demonstra a vontade involuntária do corpo:

Os alunos “G”, “H”, “I”, e “J” todos do 2º ano, estavam no reforço e começaram uma brincadeira de passar a mão na bunda da aluna “K”, sendo que somente o aluno “H” e “I” passaram a mão na bunda da mesma, mas o aluno “G” e o “J” apoiaram os mesmos. Mandarei um bilhete comunicando aos pais o acontecimento para que os mesmos venham ao Socio-cultural conversar.

Possivelmente é um tipo de brincadeira inocente que ocorre com a maioria das pessoas quando criança. Mas aos olhos escolares parece obter um teor de malícia que necessite algum tipo de punição. Esclarece Sigmund Freud (1926 apud CIFALI; IMBERT 1999). “O que se explica em decorrência do fato de terem por origem os componentes da pulsão sexual que já se acham em atividades no organismo da criança” (FREUD, 1999, p. 37).

Essas brincadeiras fornecem sensações prazerosas, produzidas por certos tipos de agitação física do corpo, e deixa claro pelo fato de as crianças gostarem tanto das brincadeiras de movimento corporal. Em outro relato mostra a preocupação da instituição em controlar as crianças:

A professora trouxe os alunos “L”, “M” e “N”, todos do 2º ano, onde de acordo com a mesma estavam enfiando a mão dentro da bermuda um do outro pegando no saco e passando na boca um do outro. Sem contar que todos são muito indisciplinados e não realizam as atividades. Envio bilhete aos responsáveis dos mesmos para comparecerem amanhã no Sócio-Cultural as 07h30min da manhã no SOE.

Tomando como suposto que a família é o primeiro agrupamento humano no qual o indivíduo se integra ao nascer, pois os pais ensinam seus valores e princípios, sendo muitas vezes conscientes os não. Por varias ocasiões deixando de interferir na formação sexual de sua descendência.

Por sua vez a escola quer obrigar os pais a tomarem atitudes de repressão com seus filhos, tirando de certa forma um peso de responsabilidade da escola, ao ensinar como deve se lidar com sua sexualidade e deixando entre linhas que os alunos cheguem à escola obediente e normalizada.

Segundo Foucault (2006, p. 75):

O século XIX desloca a confissão ao integrá-la a um projeto de discurso científico; ela não tende a tratar somente daquilo que o sujeito gostaria de esconder, porém daquilo que se esconde ao próprio sujeito, e que só se pode revelar progressivamente e através de uma confissão da qual participam o interrogar e o interrogado, cada um por seu lado. O princípio de uma latência essencial à sexualidade permite articular a coerção de uma confissão difícil a uma prática científica. É bem preciso arrancá-la, e à força, já que ela se esconde.

Seria interessante que a educação sexual fornecida pela escola não fosse empregada através de formas rígidas ou autoritárias nem com a ausência total de

limites, tendo que respeitar as etapas do desenvolvimento infantil e não impondo com um discurso de verdade. Para que os educadores estejam pautados no entendimento de que o sexo é algo que se encontra intrínseco a este processo.

Aqui neste relato aparecerá a agressividade tomando conta das crianças, por que será que isso vem acontecendo?

O aluno "F" do 4º ano e o aluno "H" do 6º ano estavam brigando no horário do almoço, segundo o aluno "F" o aluno "H" estava fazendo creu atrás da menina então ele o agarrou e falou para a menina o que o "H" estava fazendo e isso ocasionou a briga.

Aqui se vê a necessidade que a escola tem em fazer atividades extracurriculares, para que possa tirar essa tensão que esta carregada nas crianças em relação ao sexo. Segundo Sigmund Freud (1926 apud CIFALI; IMBERT, 1999, p.66) "Não é o educador que educa, mas o ambiente". Fica clara a importância que a escola precisa ter um bom ambiente para o desenvolvimento das crianças em diversas áreas.

Observa-se que em alguns ambientes como o meio familiar e sociedade externa a escola, mascaram as manifestações da sexualidade de si e de seus membros, são contidas por meio de atitudes repressoras ou até mesmo através da omissão. Este tipo de relato a seguir traz a clara imagem da escola perante conversas sem amparo legal e contextualizado:

A coordenadora chamou as alunas do 6º ano e 7º ano para uma conversa sobre o comportamento de algumas meninas. Estão correndo no salão, outras namorando com os colegas. Tivemos uma conversa muito séria e aberta, esclarecendo a situação para que elas não fiquem se enganando e sendo iludidas com as conversas dos homens.

Fica exposta a postura de uma profissional da educação, invés de contribuir para um esclarecimento correto dos fatos, logo faz uma critica não construtiva sobre o ocorrido dizendo para não se iludirem com os homens, que tipo de ilusão é essa?

Entende se que Foucault (2005), que essas medidas em relação ao sexo, esta vinculando cada vez mais frágil, cada vez mais maldosa, cada vez mais ligada à brutalidade visível dos corpos e das paixões. Está entrelaçado a fatores explícitos

dos amores, das raivas cínicas e nuas, tendo como certa brutalidade. Brutalidade esta que se encontra também do lado da verdade.

É notório que nesta ocorrência deixa intensificada a vontade involuntária do corpo de expressar sua sexualidade:

A aluna “D” do 3º ano foi pega pela professora na sala de aula fazendo uma simulação de estrepitasse por fim levantou a blusa.

Essa é uma clara evidência que as crianças estão se expressando nitidamente sua sexualidade, na presença dos professores e toda equipe escolar. Esclarece Foucault (2007c), que é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades, neste corpo em transformação a não consenso que faz surgir o corpo social, concreto do poder exercendo sobre o corpo dos indivíduos involuntariamente.

Considera-se este caso uma vontade involuntária do corpo, não havendo algum tipo de consciência positiva, fazendo um espetáculo de estimulação sexual ao público escolar ingênuo, sem o menor pudor e sem esclarecimento adequados sobre o que realmente o sexo significa. O relato a seguir feito pelas orientadoras demonstra sua autoridade e poder:

O aluno “P” e “W” do 6º ano foram pegos pela diretora batendo nas nádegas da colega “L” na hora do recreio. A diretora falando com eles e os alunos fazendo gracinhas rindo dela, o aluno “Q” chegou até respondê-la e saiu da sala resmungando. Também além do desrespeito a autoridade (diretora), e as colegas, e o desrespeito contra o patrimônio publico. Decidimos chamar os pais para uma ultima conversa.

Sendo um poder que a escola exerce sobre as crianças, o que Foucault (2006) diz sobre isso? Penso também será que os indivíduos aqui pesquisados sabem o que é patrimônio publico? A escola impõe seu empenho de regras onde o poder seria, essencialmente, aquilo que dita à lei, no que se refere ao sexo das crianças o que explica que a instituição deixa a sexualidade ou até mesmo o sexo propriamente dito. Reduzido, por ele, a regime binário: licito, permitindo e proibido, podendo ser uma autoridade muitas vezes inquestionável sobre o olhar das famílias.

O próximo relato enfatiza o poder-repressão feito em cima da criança ao público estudantil que remete ao século XIX lembrando-se do suplicio, neste caso verbal e repressor.

O aluno "O" do 7º ano na hora do receio ficou passando uma bexiga no formado de pênis nas meninas ela veio reclamar. Foi chamada a atenção do mesmo.

As orientadoras ainda se encontram despreparadas para conduzir as situações que envolvem a parte sexual do indivíduo escolar. Apenas chama a atenção da criança muitas vezes em público, que presenciei varias vezes durante a pesquisa de campo. A este respeito Foucault (2009), vê que a punição disciplina é, pelo menos por uma boa parte, isomorfa à própria obrigação, que se repetem todos os dias no cotidiano escolar. Desse modo faz a correção para manter uma ordem estabelecida nos padrões normais a escola.

Com o acontecimento abaixo, fica claro que as crianças estão se conhecendo. O que a escola precisa fazer? :

O aluno "Z" do 2º ano, e o aluno "Y" do 2º ano estavam dentro do ônibus um pegando no pinto do outro.

É constante o desabrochar da sexualidade infantil no âmbito escolar, onde as crianças demonstram a cada momento que estão se conhecendo e explorando o corpo do outro. De acordo com Brasil (1997, p.20). "Após uma fase de curiosidade quanto às diferenças entre os sexos, por volta dos cinco e seis anos, a questão do gênero ocupa papel central no processo de construção de identidade". Desta maneira fica a naturalidade e inocências das crianças em suas descobertas.

O relato abaixo apresenta a expansão da cultura preconceituosa que encontra também na escola um ambiente propício para o seu fortalecimento e manutenção ou desmistificação e quebra de paradigmas:

Os alunos "O", "P", "Q", "R" e "S" do 3º ano foram pegos do outro lado da horta disseram que estavam brincando de pega-pega, segundo o aluno "R" eles pulam pra lá homens e voltam bicha. Decidimos chamar os pais para uma conversa. Eles estão fora do controle.

Esses acontecimentos comprovam que na instituição escolar pesquisada não possui um trabalho ordenado e contínuo sobre orientação sexual, ficando muitas

vezes, a cargo de órgãos externos à escola, a exemplo do posto médico do bairro, que fez uma pequena palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis.

Para Foucault (2005, p.300):

[...] Creio que, se a sexualidade foi importante, foi por uma porção de razões, mas em especial houve estas: de um lado, a sexualidade, enquanto comportamento exatamente corporal depende de um controle disciplinar, individualizante, em forma de vigilância permanente (e os famosos controles, por exemplo, da masturbação que foram exercidos sobre as crianças) [...].

Os professores que trabalham com a disciplina de Ciências que tratam do assunto enfocam preferencialmente um aspecto, o das Ciências Biológicas, restrita a descrição das funções fisiológicas e reprodutivas. Ficando com o controle da situação quando é anunciado pelos alunos questões referente ao sexo.

A seguir demonstra os fatos ocorridos com os irmãos:

O aluno "T" levantou um falso sobre o colega "U" dizendo que tinha comido a irmã. Decidimos chamar a mãe dele.

Deixa a pensar que a escola molda os alunos para que ajam dentro de uma sociedade normalizadora, para que se comportem todos da mesma maneira, em uma tentativa de adestrar e controlar os pensamentos e as ações.

A este respeito Foucault (2009, p.174):

Exercer sobre eles uma pressão constante, para que se submetam todos ao mesmo modelo, para que sejam obrigados todos juntos "a subordinação, à docilidade, à atenção nos estudos e nos exercícios, e à extra prática dos deveres e de todas as partes da disciplina". Grifo do autor.

Com intenção de sempre reprimi-los mantendo-os cativos e docilizados quando discursa a favor de uma convocação dos responsáveis à instituição, caracterizando assim o suplício e a punição.

Neste próximo relato provavelmente ocorreu uma relação sexual de criança com criança:

Os alunos "X" e "Z" comentaram sobre umas cenas indecentes que andam acontecendo na casa de um deles. Disseram que o aluno "Y" do 2º ano come a bunda do aluno "X" e ele come a irmãzinha do "Z" de apenas 04 anos. Chamamos as irmãs deles e colocamos a situação e pedimos que fosse comunicado em casa.

Nesses casos houve graves denúncias feitas pelas próprias crianças que estudam nesta escola, o que aparentemente se vê é que a equipe escolar

demonstra não se envolver totalmente no caso, apenas conversa com os responsáveis pelos menores para o esclarecimento da denúncia e confirmação, conforme pode ser observado em Foucault (2006, p.95):

Quer se lhe empreste a forma do príncipe que formula o direito, do pai que proíbe, do censor que faz calar, do mestre que diz a lei, de qualquer modo se esquematiza o poder sob uma forma jurídica e se definem seus efeitos como obediência. Em face de poder, que é lei, o sujeito que é constituído como sujeito - que é "sujeito" - e aquele que obedece. Grifo do autor.

A vigilância que a escola tem em relação à sexualidade infantil é tão explícita, que serve de alerta aos alunos com poder de coerção visivelmente aos olhares militares. Outra atitude a ser tomada é acionar o Conselho Tutelar para averiguar o caso com a família, entendendo ser um processo infinitivo.

Novamente entendendo que a instituição se encontra despreparada para lidar com o caso de sexualidade infantil, deixando a curiosidade conduzir as crianças ao sexo. Observa-se que a primeira providência foi chamar outra criança menor para ficar sabendo do ocorrido, sendo que isto se torna um grave problema escolar que se deve lidar diretamente com os responsáveis e uma equipe profissional no assunto.

A ocorrência desse próximo relato mostra a facilidade que as crianças possuem em levar arma branca para dentro da escola, isso foi registrado em documento na orientação escolar:

Os alunos "H" e "I" nos relatou que o aluno "G" trouxe uma faca para a escola com a intenção de obriga-los a comer o cú dele e disse se não fizesse que os matassem. O aluno "I" não aceitou e ele jogou a faca pelo muro e fugiu. Decidimos chamar os alunos juntos para conversar e averiguar os fatos, caso seja verdadeiro tomaremos as medidas cabíveis.

No dia seguinte:

A história do "H" e "I", foi confirmado pelo próprio "G" o autor que confessou tudo numa boa, só pediu para ficar sozinho com a orientadora mandamos chamar os responsáveis para coloca-los a par da situação.

Neste relato nos deixa claro a postura escolar com tal situação em que as medidas ali serão de punição aos sujeitos envolvidos:

No que diz Foucault, (2009, p. 43):

O corpo interrogado no suplício constitui o ponto de aplicação do castigo e o lugar de extorsão da verdade. E do mesmo que a presunção é solidariamente um elemento de inquérito e um fragmento de culpa, o sofrimento regular da tortura é ao mesmo tempo uma medida para punir e um ato de instrução.

Os estudos focados no pensamento foucaultianos da clareza para compreender como funcionam esses mecanismos de poder nas relações sociais, que permeiam desde as gerações passadas.

No relato a seguir demonstra a preocupação da família com a criança, que esta com sua sexualidade aflorada:

A avó do aluno “J” compareceu na escola para averiguar a situação do mesmo que tem tido atitudes que não condiz com sua idade. Ele é hiperativo e muito ativo para o lado sexual, fala coisas obscenas todo o tempo em sala de aula para os coleguinhas. Para ele o que é natural, a avó disse que ele às vezes foge para a casa de uma prima ao lado, que é livre, a mãe não liga, ela acha que tem aprendido com essa menina que sabe de tudo tão pequena.

Sabendo que ao tocar o corpo do outro demonstra curiosidade e prazer de uma forma puramente normal à idade, visto que a escola faz intervenções do magistrado que interroga tudo segundo os diferentes hábitos, cuidadosamente codificados. A sexualidade infantil passa por uma etapa natural da vida humana, aceleram-se as curiosidades próprias da adolescência, uma fase que por vezes, precocemente, se perde o corpo infantil.

A este respeito pode se analisar em Foucault (2009, p. 41):

Pode-se a partir daí encontrar o funcionamento do interrogatório como suplício da verdade. Em primeiro lugar, o interrogatório não é uma maneira de arrancar a verdade a qualquer preço; não é a absolutamente a louca tortura dos interrogatórios modernos; é cruel, certamente, mas não selvagem.

Cada indivíduo traz com sigo um nível de abominação, pois se o corpo interrogado no suplício constitui o ponto de aplicação do castigo, já o considerando culpado. Visto que a criança ainda não possuindo o corpo adulto, ao mesmo tempo começa a perder o interesse pelas coisas que gostava antes, mas ainda carrega consigo atitudes infantis. Por isso a instituição não deve tratar as crianças com poder legislador.

Nota-se que no próximo relato as crianças está sendo forçadas a confessar suas atitudes muitas vezes imaturas:

O aluno “M” mostrou o pênis para a colega “N” do 3º ano, a mãe veio reclamar e chamamos o mesmo para conversar ele nega tudo.

A criança encontra-se colocada diante de uma situação de confissão certamente não revelará a prática ocorrida, por saber que por trás dessa conversa haverá algum tipo de penalidade. Segundo Reichert (2008, p.214) “A criança reprimida e culpada não tem apenas medo de ser descoberta, mas escuta a voz interna da autopunição, às vezes de modo exacerbado”.

Quando se falar de sexo dentro do contexto familiar principalmente a questão da sexualidade infantil ainda encontra-se imerso em tabus fortemente enraizados motivando problemas e/ou dificuldades para o acréscimo de espaços de diálogo entre pais e filhos.

O próximo relato claro a manifestação feita pelas crianças que estão pedindo ajuda involuntariamente:

A aluna “A” do 6º ano, veio ao SOE para conversar sobre o aluno “B” e outros meninos, sobre uma carta que foi escrita para a mesma onde fala que a mesma é gostosa e eles gostariam de fazer sexo com ela e chupar seus peitos. Chamei-os alunos envolvidos no assunto para conversar, sendo que o aluno “B”, já havia conversado com ele anteriormente sobre seu comportamento e a falta de interesse no reforço.

A escola necessita de um trabalho desenvolvido por todos da equipe escolar carece estar pautado em um planejamento sistemático e transformador. Para Reichert (2008, p. 256) “Os corpos pré-adolescentes na atualidade desenvolvem-se cada vez mais cedo, porém as crianças dessa idade continuam emocionalmente imaturas”. Visando promover o bem estar sexual a partir de valores baseados nos direitos humanos e relacionamentos de igualdade e respeito entre as pessoas.

Outra ocorrência denota mais uma vez que a família intervém na educação sexual da escola:

A mãe da aluna “A” do 1º ano veio reclamar o que aconteceu no projeto na sexta-feira com sua filha. A aluna “B” da mesma série tem 11 anos e lá obrigou a aluna “A” e outro menino se beijou e pressionou o pescoço da menina que a mesma chegou em casa com o pescoço todo marcado e ela chorava. A menina já passa por um trauma que tenta vencer, a outra fala que também já foi abusada pelo seu padrasto, a mãe a deixou. E hoje o responsável por ela e o

professor de Karaté. Vamos chama-lo para que o caso seja averiguado. A aluna veio de Porto Velho continua no 1º ano, a mãe espalhou os filhos, pois não quis mais.

Observa-se neste caso como esta estruturada a sociedade atual, sem um amparo definitivamente legal, para as pessoas com menor renda financeira, onde seria plausível ter um apoio judicial para certos casos como este relatado acima, de um abuso sexual. Parecendo não ter sido denunciado pela vítima ou responsável.

De acordo com Foucault (2005, p. 39):

Digamos ainda: na medida em que as noções de “burguesia” e de “interesse da burguesia” não tem verossimilmente conteúdo, ao menos para os problemas que acabamos de levantar agora, o que se deve ver é justamente que não houve a burguesia que pensou que a loucura deveria ser excluída ou que a sexualidade infantil deveria ser reprimida, mas os mecanismos de exclusão da loucura, os mecanismos de vigilância da sexualidade infantil, a partir de um certo momento, e por razões que é preciso estudar, produziram certo lucro econômico, certa utilidade política e, por essa razão, se viram naturalmente colonizados e sustentados por mecanismo globais e, finalmente, pelo sistema do Estado inteiro.

Assunto como esses polêmicos acabam caindo de paraquedas na rede de ensino, visto que a escola ainda se encontra despreparada para agir de uma forma correta e justa. A extorsão que a instituição faz em cima da criança em busca da verdade, verdade essas muitas vezes distorcidas. Conforme relato abaixo:

O aluno “E” viu o aluno “F” do 1º ano, e o aluno “H” do 2º ano, no banheiro praticando gestos obscenos. Chamamos os mesmos para conversar e o aluno “F” começou chorar dizendo que o aluno “J” havia o mandado fazer, perguntei ao aluno “J” onde ele viu fazer isso e o mesmo falou que foram os primos, mandei um bilhete para os pais dos mesmos.

A sexualidade infantil esta sendo vista por certos entendimentos costumeiros, pois as crianças se veem livres e despreocupadas de responsabilidades, pela pouca idade não possuem experiências sexuais e almejam necessidades de ajuda profissional. Abrange Foucault (2005) que somos forçados a produzir a verdade pelo poder que exige essa verdade, somos coagidos, somos condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. Podendo ser observado que a escola possui uma “verdade” absoluta um olhar maquiavélico, onde as crianças são vistas por aspectos de imperfeições.

Para este relato seguinte o que a instituição conhece como “limites”?

Os alunos “H” e “C” do 2º ano queria mostrar seu pênis para uma coleguinha sendo que não era a primeira vez, só que desta vez ele passou dos limites, pois além de querer mostrar ele falou que comia a irmã dele. Comunicamos a irmã mais velha que estuda na escola.

Nesta ocorrência ficam a desejar quais dos alunos afirmou que comia a irmã, porém a coordenadora apenas conversa com uma irmã mais velha, sem qualquer outro tipo de iniciativa mais cabível e aconselhável. Segundo os PCN's (1998, p.308) “O trabalho de Orientação Sexual se dará, portanto, dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas áreas do currículo, e extra programação, sempre que surgirem questões relacionadas ao tema”. Fica claro que a equipe escolar necessita estar atualizada em todas as áreas temáticas.

Denota-se que a sexualidade infantil esta aos olhos de toda equipe escolar, onde não parecer intervir nos momentos certos. Conforme pode ser observado neste relato feito pela orientadora:

O aluno “C” do 2º ano fez uma cena obscena na sala, mostrou sua parte íntima para as meninas. O pai vai comparecer na escola de novo.

Do mesmo modo outro caso:

O aluno “C” do 4º ano mostrou o pênis para as meninas.

Casos idênticos ocorrem com frequência e a escola fica a mercê, mais uma vez a sexualidade infantil esta explícita dentro da escola, contudo parece não haver métodos para acalmar os desejos sexuais das crianças. A este respeito pode-se analisar o que Foucault (2007a, p.75) afirma:

No entanto, essa liberdade é mais do que uma não - escravidão, mais do que uma liberdade que tornaria o indivíduo independente de qualquer coerção exterior; na sua forma plena e positiva ela é poder que se exerce sobre si, no poder que se exerce sobre os outros.

Permanecendo a incompreensão, e muitas vezes a improvisação por parte das orientadoras. Essas atitudes das crianças em chamar a atenção para sua sexualidade pode ser uma forma de liberdade e expressão corporal de independência. No relato a seguir, ocorre o poder a resistência:

A mãe da aluna “D” do 1º ano foi chamada devido ao fato de ter dado um caderno de uma marca pornô, além disso, escrito na parte de

dentro versos indecentes. A vice-diretora cola uma folha em branco, a menina rasgou a professora colou de novo. A vice-diretora deu outro. A mãe disse que vai comprar outro. Ela falou que não sabia do significado do caderno.

Ao expressarem sua sexualidade, as crianças tendem a ser alvo de vigilância, por terem atitudes desviantes do normal e resistirem ao domínio. Explica Foucault (2009), que esse poder disciplinar que a escola exerce é, com efeito, um poder que, em vez de apropriar e de retirar, tem como emprego de um bom adestramento as crianças ou sem dúvida são adestradas para poder se apropriar ainda melhor de suas atitudes. Por adotarem atitudes ou comportamentos não condizentes com aqueles indicados e normatizados pelo ambiente escolar.

Está vivo neste relato abaixo a postura do professor perante uma situação polêmica e pertinente dentro do eixo escolar.

Aconteceu no momento da aula que o aluno “E” do 4º ano, mostrou seu pênis para as colegas “F” e “G”. Elas falaram ao professor e ele não tomou nenhuma atitude e ainda brigou com a aluna “F” que veio reclamar no SOE. Decidimos chamar o responsável.

Aqui se vê o quanto está despreparado o professor deste relato, pois não há argumentos para solucionar o assunto ocorrido durante a aula, visto que se manifesta com broncas e suposta correções verbais. Entende Foucault (2009), que a punição disciplinar seja abordada pela um duplo sistema que classificação gratificação-sanção. Que traz a característica de penalidade disciplinar, aonde o professor não venha tomar alguma atitude.

Esse acontecimento logo abaixo deixa o aluno a mercê de uma escola que se encontra desqualificada, e se vendo obrigado a pedir ajuda a outro departamento na instituição:

No horário do almoço os alunos “A”, e “B” do 4º ano, foram vistos na porta do banheiro das meninas falando besteiras e as meninas davam risadas. Segundo o relato das meninas os mesmos diziam que queriam come-las por varias vezes. Por isso mandarei um bilhete para os pais.

Muitas vezes a escola vem estabelecendo e separando meninos e meninas, deixando a curiosidade de ambos conhecerem corpos opostos, para favorecer que os professores tenham a vigilância na separação de sexo. De acordo com Foucault (2006, p.12) “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao

mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada”. Com isso deixa de estimular atividades de integração e cooperação das crianças. E acabam reforçando essa separação nas brincadeiras deixando de estabelecer dinâmicas em grupos.

Mais uma vez o relato abaixo se faz presente o interrogatório que se faz em torno dos alunos supostamente envolvido no caso, este que toca no corpo do outro:

O aluno “D” do 1º ano no horário do almoço correu e falou para a coordenadora que o aluno “C” fez uma brincadeira com gestos obscenos pegou na mão do garoto falando olha a pereba e em seguida colocou a mão no seu pênis. Fomos interroga-los onde havia aprendido aquilo e o mesmo falou que o aluno “M” do 6º ano teria feito essa brincadeira com ele, chamamos o aluno “M” para conversar e fiquei sabendo que tem outros alunos envolvidos o aluno “N” do 6º ano, e o aluno “Q” expliquei para os mesmos que cada um deve respeitar o corpo do outro, nada de brincadeira de tocar na parte íntima um do outro, que tem que se valorizar. Se continuarem com essas brincadeiras chamarão seus pais e serão comunicados.

A hipótese repressiva de Foucault (2005) se liga com a sua concepção de poder, fica a perceber o interrogatório que a instituição faz sobre os indivíduos envolvidos, à medida que não conhece e não entende o poder como autoritário, centralizado e repressivo exclusivamente do Estado e da Lei. Neste controle de poder que a escola exerce pode se chamar de jurídico-discursivo.

Para Foucault (2007c, p.146):

Repentinamente, surge um pânico: os jovens se masturbam. Em nome deste medo foi instaurado sobre o corpo das crianças – através das famílias, mas sem que elas fossem a sua origem – um controle, uma vigilância, uma objetivação da sexualidade com uma perseguição dos corpos. Mas a sexualidade, tornou-se assim um objeto de preocupação e de análise, como alvo de vigilância e de controle, produzia ao mesmo tempo a intensificação dos desejos de cada um por seu próprio corpo.

A escola está com uma vigilância serrada em cima das crianças, pois tudo que se faz e motivo repressão e tortura psicológica fica intenso neste relato que segue:

A aluna “M” foi encaminhada ao SOE, pois a mesma na hora do recreio estava ela dependurada no corrimão e levantando as pernas mostrando a calcinha, uma colega foi por trás e desceu o short dela, que veio reclamar. Mandamos um bilhete para o responsável comparecer.

Neste caso não há necessidade do comparecimento do responsável na escola, por uma criança estar por alguns minutos brincando sem malícia aparecendo sua roupa íntima. Diz Foucault (2007c) que o corpo sexual transformou-se numa luta de quebra de braços, que envolve os pais, as crianças e as instâncias de controle e contra esse domínio a ofensiva. Vejo que a escola está focada em todos os acontecimentos ligados a sexualidade das crianças, para poder controlar e vigiar os corpos dos indivíduos.

Diga-se que nesta ocorrência abaixo o que a escola almeja é manter a ordem.

Os alunos “P” do 5º ano e as alunas “Q” do 4º ano e a aluna “S” do 6º ano estavam com brincadeiras de “paradinha”, pediu para o aluno “P” ficar paradinha e depois falou para as meninas darem um beijo no rosto do mesmo e aluna “Q” deu um no rosto e um selinho e outras crianças viram a cena. Então chamei todos para conversar e os alertei que não quero mais este tipo de brincadeira e se acontecer novamente chamarei os pais dos mesmos, pois aqui nos temos que manter o respeito um com outro.

A geração anterior era muitas vezes, punida, repreendida, caso mencionasse ou quisesse saber alguma coisa a respeito da sua sexualidade. A atual é bombardeada pela estimulação precoce e pela erotização banalizada. Nessa idade as crianças fazem questionamentos que envolvam sua sexualidade, em seguida as respostas devem ter o ter de verdade, pois será a base sólida para se tomar um pensamento já direcionado a sua vida sexual, as fantasias e desejo quanto adulto.

Assim, a este respeito, segundo Foucault (2005, p.45):

O discurso da disciplina é alheio ao da lei; é alheio ao da regra como efeito da vontade soberana. Portanto, as disciplinas vão trazer um discurso que será a regra; não o da regra jurídica derivada da soberania, mas o da regra natural, isto é, da norma.

Coloco aqui uma clara evidência da falta de despreparo dos professores para lidar com as situações que aparecem a todo o momento. Segue abaixo o relato:

O aluno “N” do 2º ano estavam com a professora e seus colegas brincando, quando resolveu passar a mão na bunda dos meninos e fazer os outros cheirar a mão dele. A professora pede a presença do responsável.

Fica nítido que as crianças cada vez mais estão centradas nos corpos dos indivíduos. Diz Reichert (2008, p. 256). “A escola Reichiana defende que a erotização da fase genital infantil somente entra em latência diante de forte

repressão educativa sobre a sexualidade e a expressividade infantil”. Deixa claro que sexualidade é um dos elementos que compõe o ser humano, através dela o indivíduo expressa a qualquer momento.

Sobretudo cabe a escola a tarefa de não fugir a menção de coisas referentes ao domínio sexual, inserindo nos conteúdos de planejamento. A seguir faz-se um relato em documento:

As alunas “P”, “T” e “Q” do 4º ano, foram denunciadas fazendo indecências no banheiro, uma se esfregando na outra lá no sócio-cultural.

Fica sendo necessário que os educadores se atualizem para o tema, onde se encontra cada vez mais explícito, principalmente dentro das escolas. Segundo Reichert (2008, p. 256). “[...] as meninas urbanas costumam mostrar uma sensualidade plástica, produzida por um modismo pontual, antes mesmo que a própria maturação sexual se conclua, e a menina se sinta efetivamente mulher sensual [...]”. Ainda de acordo com os parâmetros, o trabalho realizado pela escola não substitui nem concorre com a função da família, mas complementa.

O relato abaixo demonstra a falta de ética dos responsáveis pelas crianças durante sua permanência na escola, que deriva de 04 horas aulas respaldados pela lei, mandando-os buscar seus responsáveis no mesmo horário de aula:

Os alunos “R” e o “S” do 3º ano foram retirados da sala, pois estavam atrás do armário mostrando o pênis e ainda falando indeiscências para a colega. O aluno “P” também deu uma tapa no rosto do colega depois de ter feito gesto obsceno atrás dele. Pedimos para que os dois fossem buscar os responsáveis, mas eles não foram, portanto só entreguei o material deles mediante o comparecimento dos mesmos.

Falar sobre sexo em sala de aula continua sendo uma conversa de tensão, tanto para o professor quanto para os alunos. Ambos aguardam com ansiedade, e o educador podendo trabalhar com esta situação de uma forma científica, para que se interajam nas brincadeiras e gozações.

Assim de acordo com Tiba (1994, p. 109):

A melhor atitude do professor é tentar esvaziar o conteúdo pornográfico. Em primeiro lugar, é preciso ter acesso aos alunos, saber exatamente como eles tratam a questão. Um bom método é pedir aos alunos que escrevam em papéis com total liberdade, palavras e frases relacionadas ao sexo, sem assinar. [...] Em seguida, o professor lê em voz alta e até escreve na lousa

os palavrões, colocando sinônimos. [...] Então se discutem os sinônimos, desde o mais científico até os mais populares, até se chegar a um consenso.

Podendo assim, o diálogo ficar agradável numa linguagem em comum de acordo com os alunos. A forma de trabalho do professor é decisiva para o bom entendimento do assunto e a ampliação do diálogo em sala de aula.

Nesse próximo relato nota-se nitidamente que esta criança precisa de uma ajuda médica, fica a parecer que a escola ainda não percebeu seu comportamento devido ao trauma que sofreu:

Foi encontrado com a aluna "F" um bilhete obsceno que ela diz ser da aluna "G" do 6º ano. Não é a primeira vez que a aluna é pega em tal situação e orientada, mas pelo visto a coisa é mais séria do que se possa imaginar. Na conversa ela relatou que tinha sido molestada pelo seu padrasto, e contou para sua mãe, mas ela não acreditou, e a mesma foi embora deixando-a com uma tia. A aluna apesar de darmos conselhos continua agindo de forma estranha. Mandamos um bilhete ao responsável.

Esta situação de abuso sexual ocorrida com uma aluna da escola pesquisada caracteriza o que a escola deve fazer? Diz Reichert (2008) "A educação autoritária e moralizante, ao contrário, pode ser cerceadora a ponto de ceifar todo o potencial criativo e afetivo de uma criança em desenvolvimento" (REICHERT 2008, p. 266).

Outra uma ocorrência registrada pela orientação escolar:

O aluno "D" do 4º ano colocou uma bola dentro das calças e esfregou na sua parte íntima e falou pra colega "F", olha aqui meu saco tirou e passou a bola na boca da menina à professora só percebeu depois que a aluna foi reclamar. O aluno só entra na sala amanhã acompanhada da mãe.

O desafio maior consiste em realizar um planejamento de orientação sexual satisfatório, que atenda as necessidades das crianças bem como fornecer um esclarecimento para as famílias e alguns educadores que ainda têm dificuldades frente a este assunto polêmico. Para Foucault (2009) tal vigilância torna-se um operador econômico decisivo, na medida em que é ao mesmo tempo uma peça interna no aparelho de produção e uma engrenagem específica do poder disciplinar.

Alguns educadores permaneçam neutros, sobre a educação sexual, pois algumas intervenções serão carregadas de lembranças das próprias experiências e

vivências sexuais não positivas por parte dos professores e a possível falta de intimidade com sua sexualidade.

Está claro neste registro posto a seguir a um poder que coage a criança com feracidade:

O aluno “F” do 3º ano está praticando gestos obscenos com o aluno “G” do 3º ano, ficou avisado para o mesmo que se tornar a repetir levará um bilhete para a mãe.

Diante disso, a equipe escolar poderá reunir esforços em conjuntos pela orientação sexual dos alunos. Diz Foucault (2006), que sendo o sexo à vida do corpo e à vida da espécie, nos serve de matriz das disciplinas e como princípio das regulações, tendo como o índice da “força de uma sociedade”. No sentido de dar um melhor direcionamento que venha a permitir a fluidez da sexualidade como algo natural ao desenvolvimento humano, bem como uma visão consciente sobre as questões sexuais.

Neste caso abaixo parece que as crianças vivem dentro de um panótipo a todo o momento:

As alunas “M” e “N” do 2º ano, e a aluna “O” do 1º ano estavam de beijinhos com os meninos do 2º ano. Segundo os meninos elas ficavam atrás deles segurando os e querendo beija-los na marra. As meninas também disseram que quinta-feira da semana passada o aluno “P” do 2º ano, estava fazendo creu por trás delas. Ficaremos atento e mandaremos bilhete para os pais dos mesmos.

A escola pesquisada vê as crianças como aquilo que precisa ser docilizado o corpo para poder dominar. Sendo assim, usa-se o conceito da disciplina como métodos que permitem o controle das operações do corpo, são indivíduos em constantes forças que cria a anatomia política do corpo. Conforme afirma Foucault (2006, p.115):

[...] quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; [...].

É de suma importância que a escola possa formar educadores efetivamente preparados para atuar nas unidades de ensino abordando essa temática de forma

compreensiva, visto que o tema sexualidade infantil ainda é repleto de tabus e preconceitos tanto no contexto familiar, social e escolar.

A próxima ocorrência procura controlar a delinquência por uma anatomia calculada das punições a qual se apresenta na seguinte forma:

A professora trouxe os alunos “X” e “Y” do 4º ano para conversar sobre o mal comportamento dos mesmos. Pois segundo a professora os alunos citados acima ficam fazendo gestos obscenos por atrás das meninas. E os mesmos ficaram avisados que o ato obsceno tem conotação sexual e, portanto ofende ao pudor publico e existem punições para essas atitudes.

Por esse motivo a educação sexual no âmbito escolar deve decorrer de forma totalmente natural e cuidadosa e podendo ser considerada como um tema especial, sendo que faz parte do cotidiano das crianças e no dia-a-dia dos adultos, conforme afirma Foucault (2009, p.79):

[...] fazer da punição e da repressão das ilegalidades uma função regular, coextensiva à sociedade; não punir menos, mas punir melhor; punir talvez com uma severidade atenuada, mas para punir com mais universalidade e necessidade; inserir mais profundamente no corpo social o poder de punir.

Outra vez destaca-se o despreparo da escola para lidar com as questões sexuais das crianças, pois quando surge algo levado à sexualidade a primeira coisa a fazer é proibir e coagir os personagens da situação com repressões e punições às vezes desnecessárias pela pouca idade dos mesmos.

Mais uma vez a escola parece não sanar as respostas das crianças em atos feitos por elas, a seguir a ocorrência registrada:

Os alunos “A” e “B” do 2º ano estavam na sala de aula passando a mão na bunda das colegas, mandamos chamar os responsáveis.

Muitas vezes as crianças repetem os atos observados em adultos próximos a elas, parecendo-lhes normal. Em sua maioria demonstrada dentro do âmbito escolar que por sua vez aglomera o maior número de crianças.

Segundo Reichert (2008, p. 252):

Nessa idade, os pequenos observam a cultura de seu povo e identificam o que os adultos fazem dentro da sociedade. Então, revelam desejos de aprender a fazer aquilo que os maiores são capazes de realizar, com a expectativa de serem posteriormente inseridos no meio social, de modo ativo e dignificante.

Pode-se observar que durante os anos desta pesquisa de 2010 a 2012, a escola quase não tomou iniciativa para tentar diminuir os fatos relacionados à sexualidade aflorada dos alunos dentro do eixo escolar.

No relato que segue está havendo agressão física com criança na mesma faixa etária e a escola novamente fecha se os olhos.

O aluno “T” do 4º ano e o aluno “S” do 3º ano, já chegaram nos tapas, segundo o aluno “T” o aluno “S” puxou seu calção lhe deixando só de cueca no meio da multidão então o mesmo ficando furioso partiu para cima do colega, mas finalmente ambos se desculparam e tudo acabou bem.

Embora pareça que a escola faz de conta não compreender que precisa haver um trabalho social com todo o corpo escolar, deixando passar as intrigas cotidianas, e se multiplicando cada vez mais. Afirma Reichert (2008, p. 253):

Por tudo isso é praticamente inevitável que, na passagem do universo familiar ao escolar, a criança esteja exposta a momentos de ansiedade, competição, medo e, às vezes, de crueldade entre as crianças. Ocasionalmente, os pequenos vão-se defrontar ainda com o desequilíbrio emocional dos próprios professores. Essa é uma época tão marcante que, quando adultos, costumamos ter nítidas lembranças dos tempos de escola, com suas alegrias e dissabores.

Abrange neste relato abaixo o domínio sobre o outro de ficar calado:

Os alunos “H” e “Y” do 2º ano estavam fazendo gestos obscenos no banheiro e depois contaram para outros alunos “F” e “U” que ficaram chantageando os meninos.

A sociedade escolar conseguiu internalizar nas crianças que não se podem praticar atos indecentes com o próprio corpo, pois é proibido e feio. E por elas próprias vão repassando essas proibições a outros indivíduos. Para Foucault (2009, p.86) “Até mesmo pior que um inimigo, é um traidor, pois ele desfere seus golpes dentro da sociedade”, pois quando são coagidos por outros ficam com medo de ser entregues aos responsáveis da escola, por saberem que irão sofrer algum tipo de punição e castigo.

O relato a seguir mostra o “cuidado” que a escola dá para as roupas das crianças em vez de agir primordialmente em outros pontos mais questionáveis:

Nesse dia o professor trouxe até o SOE as alunas “C” e “D” porque continuam a vir com vesti curtas mesmo sabendo que não pode.

O controle permanece tão presente dentro da escola que os indivíduos se sentem a todo o momento vigiados. Diz Foucault (2009, p. 186) “A inspeção funciona constantemente”. O olhar está alerta em toda parte: “Um corpo de milícia considerável, comandado por bons oficiais e gente de bem [...]”. Onde é pra ser um local de aprendizagem e socialização passa a ser um panóptico um olho que tudo vê visando à punição alma do controle.

Nota-se que é um caso preocupante onde necessita de um amparo profissional, pois é um fato ocorrido diretamente com alunos da escola em pesquisa. Segue o relato abaixo:

A aluna “A” do 2º ano comentou com alguns colegas que o primo “J” do 2º ano havia feito besteirinhas com ela e o assunto tomou conta da aula do reforço, e o caso veio parar na orientação onde chamamos todos os envolvidos para uma conversa. O aluno “J” que é o acusado nega tudo, o irmão do mesmo que também estuda na sala da prima quis negar no começo que não havia falado nada, mas depois afirmou que seu irmão havia lhe contado que teria feito besteirinhas com a prima. Depois chamamos a menina para conversar no começo não queria falar nada, mas com muita conversa a mesma foi ficando a vontade e falou que o primo “J” lhe prometeu um brinquedo e em troca pediu que a mesma deixasse ele passar a mão em suas partes íntimas ela disse que não deixou e que ele fez na irmãzinha dele. A coordenadora do sócio-cultural passou a situação para a orientadora da escola, que investigue o caso.

Observa-se que os profissionais da educação não se encontram preparados para lidar com tais situações, ao primeiro momento recolhe as informações, com os alunos envolvidos, em seguida repassa as informações a uma segunda pessoa para que tome alguma providência.

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no artigo 5º Brasil (2011, p. 1079):

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.

As crianças parecem pedir ajuda de alguma forma, na maneira de agir e se comportarem muitas vezes agressivas e com pouca sensibilidade, querendo descontar em outras pessoas a sua raiva, que atinge a todos a seu redor.

Nota-se que as crianças parecem saber mais que os profissionais da educação, confirma o registro feito pelas orientadoras:

A professora trouxe ao SOE, o aluno “F”, pois foi encontrado com ele um preservativo, dizendo que foi a própria mãe que deu para brincar. Só que ele está querendo brincar na hora da aula.

Os objetos que se enquadram dentro de uma relação sexual chama muita à atenção das crianças, por terem a curiosidade de como usar e pra que usar? Muitas delas já sabendo para que sirvam.

Assim de acordo com Reichert (2008, p.259):

Se a família possibilitou à criança a livre experiência do seu corpo e de suas habilidades e criar e fazer, o processo de funcionalidade de seu psiquismo culminará com a possibilidade de integração de conhecimentos vinculados ao prazer de conhecer, trabalhar, criar e amar.

Entra então o papel de intervenção do professor, no momento em que ocorre a presença da camisinha em sala ele poderá interferir nas brincadeiras das crianças, fazendo daquele momento uma aula formidável e assim estará tentando minimizar os desejos e curiosidades que envolva a sexualidade infantil.

Logo abaixo o constrangimento que as crianças estão passando dentro da escola e nada parece ser feito:

O aluno “L” jogou um chinelo nas costas da aluna “C”, porque ela foi tirar satisfação com mesmo sobre namorico, e o caso foi parar na orientação, segundo aluna “C” algumas meninas estavam comentando que os dois estavam namorando e ela se sentindo injustiçados, e foi tirar a limpo e acabou apanhando. O aluno “L” é um menino agressivo e sempre está metido em alguma confusão.

Muitas vezes as crianças sentem-se envergonhadas de certas situações, que as constranjam perante as outras pessoas, devido que a atração sexual por outro corpo seja normal do ser humano.

Entende Foucault (2005 p. 63-64):

[...] Pois o que deve valer como principio de decifração da sociedade e de sua ordem visível e a confusão da violência, das paixões, dos ódios, das cóleras, dos rancores, dos amargores; e também a obscuridade dos acasos, das contingências, de todas as circunstâncias miúdas que produzem as derrotas e garantem as vitórias.

No próximo relato mostra que, as crianças estão a todo o momento em contado com as redes sociais, visto que isto passou a ser uma ferramenta importante de comunicação, onde a mesma questiona a orientadora está livre na internet pra qualquer um que queira ver:

A orientadora trouxe o aluno "G" do 5º ano, pois foi pego na hora do almoço mostrando um vídeo pornô para outras colegas, ele foi conduzido até a escola e estamos tentando acionar o responsável. Falei com a mãe pelo celular ela estava em outra cidade que iria mandar uma pessoa de dezenove anos. Nos vídeos estavam sendo retratadas imagens de crianças e o aluno disse que foi outro menor quem passou pra ele. Só que foi aberto com facilidade o site pornô, está livre na internet pra qualquer um que queira ver. O responsável chegou e falou que o celular não é dele mais é do aluno "H" do 8º ano, a irmã também viu o celular vai ficar na escola para averiguar este caso de quem é o celular.

Tem que se entender que as crianças sofrem influências de muitas outras instâncias sociais que estão presente na sociedade atual. Que por diversas vezes são manipuladoras e de fácil acesso como o caso ocorrido de vídeos no celular via internet, que segundo o aluno qualquer pessoa pode ver.

Afirma Foucault (2009, p. 143-144):

Enquanto a taxinomia natural se situa sobre o eixo que vai do caráter à categoria, a tática disciplinar se situa sobre o eixo que liga o singular e o múltiplo. Ela permite ao mesmo tempo a caracterização do indivíduo como indivíduo, e a colocação em ordem de uma multiplicidade dada. Ela é a condição primeira para o controle e o uso de um conjunto de elementos distintos: a base para uma microfísica de um poder que poderíamos chamar de "celular".

A próxima ocorrência esclarece que, as crianças estão ficando agressivas, gritando por ajuda sobre sua sexualidade, onde há escola parece não intervir, por isso estão saindo na luta corporal uns com os outros:

O aluno "Q" do 5º ano reclamou do aluno "V" do 3º ano e disse que o aluno "V" estava fazendo gestos obscenos atrás do aluno "Q" ele chamou de filho da puta e o aluno "V" partiu para porrada e os dois se pegaram na hora da chegada do ônibus, mas no final depois de varias conversas os dois de desculparam.

As agressões verbais são comuns entre os alunos e parecendo ser "normal" para os educadores, posto que a todo o momento chame a atenção ao publico e acaba por ai.

Para Foucault (2006, p. 114):

Não se deve descrever a sexualidade como um ímpeto rebelde, estranha por natureza e indócil por necessidade, a um poder que, por sua vez, esgota-se na tentativa de sujeita-la e muitas vezes fracassa em dominá-la inteiramente. Ela aparece mais como um ponto de passagem particularmente denso pelas relações de poder; entre homens e mulheres, [...].

Desta forma as crianças se espelham no exemplo de homem e de mulher que fazem parte de seu meio familiar edificam sua visão de relacionamento no que vê e vivencia. Se esses exemplos de vida apresentar relações conturbadoras e falta de respeito, a criança evidentemente continuará o ciclo. Se de outra forma houver amor, diálogo e respeito um com o outro, sem duvidas essa criança absorvera valores que possivelmente definirá seu caráter muito mais humanizado e igualitário.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escolha deste tema a respeito da sexualidade infantil ou posso dizer que ele me escolheu, sempre pensei que era um assunto essencial para o ser humano, e se manifesta na vida de cada individuo desde a geração passada e continua na atualidade é ao mesmo tempo aberto e ocultado no interior da família, da escola e da sociedade.

Ainda se evita falar de sexo se ele é abusivamente exposto e exteriorizado pelos meios de comunicação. Se nas escolas pouco se fala de sexo ou educação sexual. Esses pensamentos me questionavam desde os tempos de escola, então tomei como tema para esta pesquisa.

Ao executar essa pesquisa revelou momentos extraordinários com os quais presenciei, observando e ouvindo falas das orientadoras em conversas com as crianças sobre o assunto ocorrido e entre as mesmas. E busquei fatos que fossem relevantes para esta pesquisa ser enriquecedora.

Com intuito de verificar como a escola trabalha e lida com a questão da orientação sexual, entretanto, limitei a pesquisa dentro de uma escola pública do município de Ariquemes/RO. Situada na zona urbana.

A escola está presente em todos os acontecimentos que a rodeiam, principalmente quando se fala de sexo, ou seja, de sexualidade aonde as crianças venham até o SOE, (Serviço de Orientação Escolar) pedindo alguns tipos de esclarecimento ou ate mesmo ajuda.

Sendo que elas se expressam nas palavras de crianças, muitas vezes não esclarecedoras, mas as orientadoras como profissionais da educação compreendem mais não parecem querer solucionar o problema.

Observei em meio às brincadeiras, risos e até mesmo a timidez dos alunos, percebendo preconceito que envolve o assunto e acima de tudo as curiosidades e os questionamentos que afloravam essa barreira de tabus que permeiam a pesquisa em si.

O que pude ouvir e observar durante a pesquisa tornou-se visível além das respostas para meus questionamentos, através das mensagens postas, dos gestos, das atitudes controladoras, enfim, eram visíveis às evidências do quanto é difícil

encarar e conseguir aceitar algo natural do ser humano o que por muitos anos foi considerado como algo impuro e imoral.

Quando isso ocorre simplesmente os orientadores fazem é chamar os responsáveis, ou então chamar o Conselho Tutelar no último caso, sendo que quase não ocorre outro tipo de solução para o problema.

De uma forma que fica identificada que a escola pesquisada não desenvolve, de forma sistemática e contínua, um trabalho de orientação sexual. O tema sexualidade é abordado, raramente, nas aulas de Ciências através do enfoque biológico, deixando à parte outras dimensões inerentes ao assunto. A escola mostrou-se deficitária por só abordar o tema nas aulas de Ciências, e em alguns trabalhos de reprodução humana.

A Escola tem uma ação pedagógica limitada e incompleta, apesar dos orientadores observados se sentirem à vontade e parecerem preparados para falar sobre educação sexual, a escola disponibiliza espaço para este assunto somente nas aulas de Ciências, em que se abordam apenas os métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis.

Uma solução seria palestras sobre educação sexual e sobre sexualidade, para que isso ocorra é necessário que envolva todo o corpo docente escolar e uma equipe de profissionais para lidar com esse assunto dando esclarecimentos e respostas claras aos alunos para tentar sanar essas curiosidades que permeiam em toda a comunidade interna escolar.

Esta pesquisa de campo mostrou claramente que o corpo docente considera importante a orientação sexual na escola, embora este assunto seja abordado de forma ínfima e deficitária na unidade. Os dados arqueológicos revelaram também que a abordagem sobre sexo apresentada na escola não esclarece as dúvidas das crianças. E percebo que os mesmos anseiam respostas para suas curiosidades.

Sobre este assunto polêmico, necessita de capacitação na área, uma ação mais sistematizada dentro da orientação sexual é uma lacuna existente nos currículos dos cursos de formação de professores, pois se torna inexistente na formação específica um embasamento científico insuficiente, fazendo com que os mesmos se sintam despreparados, além de ter que lidar com seus próprios tabus e preconceitos, isto se reflete em sua prática pedagógica.

Como mostra os PNC's e as Diretrizes Curriculares Nacionais, não há uma exigência para trabalhar com a orientação sexual, mas trás sugestão para explorar o tema, pois esta tarefa permanece comprometida, embora exista uma grande demanda decorrente das transformações sociais atuais ligadas a sexualidade.

Observei que o gestor quase não desenvolve um trabalho de ação e projeto para orientação sexual na escola pesquisada, sendo que o trabalho da gestão é a peça chave na intervenção e criação de estratégias para um bom relacionamento das ambas as partes, sendo que ele pode desenvolver um trabalho significativo e com grandes resultados sobre o assunto aqui abordado.

Fica claro que a maioria das famílias das crianças abordadas não possuem conhecimento e clareza de como conversar com seus filhos. No que se referem à participação familiar, as orientadoras envolvidas afirmaram que as mesmas não cumprem seu papel em relação às informações sobre sexualidade.

Porém tal verificação foi surpreendente nesta pesquisa, visto que diante de tantos tabus e preconceitos referentes à sexualidade infantil, observa-se uma barreira na participação familiar no diálogo sobre o assunto. Diante disso, a família fica desamparada ao processo de orientação sexual.

Então penso que cabe à Escola abraçar e ampliar os espaços de debates e reflexões a fim de que a educação possa livrar a sexualidade do estigma de “impura e imoral” e passe a ser tratada não como problema, mas como algo essencial a condição humana.

Nesta pesquisa mostrou que a escola trabalha com métodos ainda “tradicionais”, ou seja, com aulas de biologia que respinga na sexualidade, abordando o conteúdo fisiológico e genital. Esta abordagem, no entanto, não é suficiente para contemplar as dúvidas e questionamentos das crianças, que em grande parte serão vivenciadas na adolescência podendo ocorrer de uma forma desagradável e com grandes consequências.

A não aceitação da sexualidade infantil no cotidiano escolar é um fato vivo e cultural que se apresenta de forma mascarada através dos tempos. Para que este assunto possa ter a liberdade de ser explorado e revertido em grande parte da sociedade, faz necessário eficientes projetos que possa abranger toda a comunidade externa a escola.

Que sejam possíveis ações educativas que tratam a questão da sexualidade, sob um aspecto natural, superando os tabus e preconceitos tão comuns a este assunto. A sexualidade infantil é algo essencial à condição humana, sendo que não pode deixar de ser abordada dentro do ambiente escolar, visto que este espaço educativo é responsável pela formação integral do indivíduo sendo o grande mestre à formação para estes “sujeitos”.

Esta pesquisa deixa claro que grande parte dos orientadores e professores, pouco se fala sobre sexualidade no cotidiano escolar, essas verificações leva a pensar: Será que os profissionais da educação realmente estão preparados para falar sobre sexo em sala de aula? Ou até mesmo fora dela? Por ser um assunto polêmico cheio de tabus, mitos e preconceitos que os deixam inibidos? Ou será que já esta internalizada em cada um deles o silêncio sobre o sexo? Então surgem insegurança e conflitos que não os deixam repassarem uma boa orientação sexual aos seus alunos.

É bom lembrar que durante a pesquisa de campo não evidenciei nenhuma ação ou projeto desenvolvido pelo gestor ou pela orientação, nem mesmo algum tipo de palestra sobre orientação sexual na unidade embora os mesmos quase não desenvolvam algum tipo de trabalho em relação à sexualidade infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. v.10. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, MEC, 1997.

_____. Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA. In: _____. **Vade Mecum**. 11. ed. atual. e ampl. São Paulo: Saraiva, 2011, p.1079.

_____. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_11.11.2009/art_208_shtm> Acesso em: 05 de outubro de 2012.

CIFALI, Mireille; IMBERT, Francis. **Freud e a Pedagogia**. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **História da sexualidade I: A vontade do saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2007 a.

_____. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2007b.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007c.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhes. 37. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Guia de Orientação Sexual: diretrizes e metodologia. 4. ed. São Paulo: casa do psicólogo, 1994.

JOLIBERT, Bernard. **Sigmund Freud**. Tradução: Elaine Teresinha Dal Mas Dias. Coleção Pensadores. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação, o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1994.

Reichert, Evânia Astér. **Infância, a idade sagrada**; anos sensíveis em que as virtudes e os vícios humanos. Porto Alegre: E.A. Reichert, 2008. 336p.

TIBA, Içami. **Adolescência: O despertador do sexo**. São Paulo: Cortez, 1994.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & Educação**. 3. ed. – Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

REFERÊNCIAS PESQUISADAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violências nas escolas:** versão resumida/MiriamAbramovayetalii. –Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Instituto AyrtonSenna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. **Sexualidade na escola:** Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

Brasil, Lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, 2007.

BROWN, L. K. e BROWN, M. **Qual é o grande segredo?** – Falando sobre sexo com meninas e meninos. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1998.

FLANDIN, J. L. **O sexo e o Ocidente.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

Gélis, Jacques. A individualização da criança. In: **História da vida privada, 3:** da Renascença ao Século das Luzes. Organização Philippe Ariès e Roger Chartier; tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola:** Mito e Realidade. São Paulo: Mercado de letras, 1995.

MÁXIMO, Maria Auxiliadora. **Violência infantil:** um olhar foucaultiano na comunidade Vila Princesa em Porto Velho/RO. 136 p. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. Programa de Pós Graduação em Educação. Campo Grande, 2009. Orientador: Dr. Antônio Carlos do Nascimento Osório.

NASIO, Juan Davi. **O prazer de ler Freud.** Rio de Janeiro: Copyritht, 1994.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação infantil:** fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, M.K. Vygotsky. **Aprendizado e Desenvolvimento:** Um processo sócio-histórico. São Paulo: Moderna, 1990.

ROSA, Luiz Alfredo Garcia. **Freud e o inconsciente.** Rio de Janeiro: Copyright, 1994.